

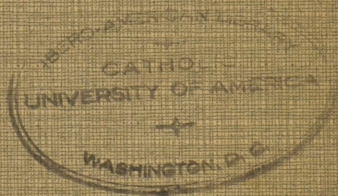
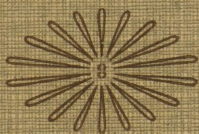
J. P. Xavier Pinheiro

TARTUFO

NO

RIO DE JANEIRO

COMEDIA EM 5 ACTOS



RIO DE JANEIRO

Typ do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C.

1905

TARTUFO

NO

RIO DE JANEIRO

Comedia em 5 actos

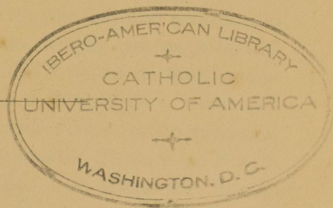
ORIGINAL DE

J. P. Xavier Pinheiro

COM PREFACIO

DO

Dr. Pires de Almeida

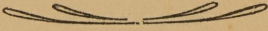


RIO DE JANEIRO

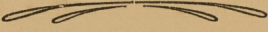
Typographia do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1905

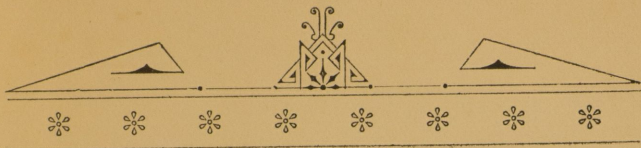
PQ
9697
.P56
1905



Os direitos de reimpressão e de representação deste trabalho
pertencem aos dois filhos do Autor.



6428.



Para salvar do olvido e das traças uma producção litteraria de meu saudoso progenitor, é que tomei a deliberação de dar á publicidade esta comedia, que pôde figurar, entre as melhores peças do theatro nacional, escriptas por MARTINS PENNA, JOSÉ DE ALENCAR, J. MANOEL DE MACEDO, PIRES DE ALMEIDA, MACHADO DE ASSIS, ARTHUR AZEVEDO e alguns outros mais.

A comedia em 5 actos—*Tartufo no Rio de Janeiro* foi feita em 1862, isto é, ha 43 annos, e o seu autor, que nunca teve vaidades litterarias e nem se preoccupou com as glorias de dramaturgo ou de comediographo, não deixou cousa alguma que se refira directamente ao trabalho que ora apparece, não sabendo eu, portanto, se foi ou não representada em algum theatro da época, apezar de, no precioso original, existir um—*Represente-se.*

O autor desta comedia, se existisse, não faria a sua publicação, porque era muito cioso do que produzia e por de mais rigoroso para elle mesmo; e a prova disso está na traducção completa, em verso rimado, da *Divina Comedia*, a primeira que se fez na lingua de Latino Coelho, que elle podia ter publicado e em vida alcançar os applausos dos seus contemporaneos, não tendo isso feito pela sua modestia excessiva, quando, todo o mundo o sabe e tem dito, elle foi um delicado artista, um erudito e um conhecedor profundo da lingua que engrolamos.

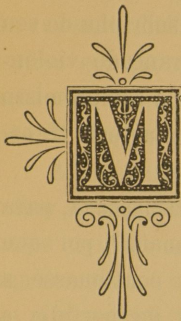
Outros trabalhos theatraes produziu a penna de meu amado progenitor, como o drama *Constancia e Resignação* e a comedia *Emancipação das Mulheres*, representados com franco successo.

Acredito que a publicação da comedia *Tartufo no Rio de Janeiro*, inteiramente inedita de palco e de letra de fôrma, agradará aos que se dão a essas cousas de theatro e espero farão a devida justiça ao seu autor e não censurarão ao filho saudoso que procura reivindicar justiça para quem tanto soube enaltecer as lettras patrias, amando-as e cultivando-as com muito carinho e devotamento.

Agosto de 1905.

Meyer

XAVIER PINHEIRO (J. A.)



MENTALMENTE educado ao tempo d'essas grandes convulsões d'alma a que se denominavam tragedias romanticas, envelheço, entretanto, em plena phase de transformismo, quando Melpomene substitue por toda parte, fechando as portas de todos os theatros, a uma Thalia da roça.

Conhecido esse precedente, não admirará a ninguém que, em materia de critica dramatica, eu seja um intransigente ou um indisciplinado; servir-me-á, entretanto, de attenuante que, aceitando o convite de prefaciá a presente comedia, pago ao bondoso filho dividas de amizade que me dispensára um dia seu não menos bondoso pae.

O modo de conduzir a acção resente-se, naturalmente, da época em que a comedia foi escripta: por aquelle tempo Botafogo era apenas um prolongamento da cidade, um simples arrabalde, e a rua do Ouvidor não reunia, como actualmente, as elegancias espaventosas e irrequietas de nossas nevroticas modernas. E assim, duplicam de valor as expansões de franca amizade e reconhecimento das primeiras scenas que, si, por um lado, exprimem exactamente os bons e leaes costumes de outr'ora, por outro lado concorrem, como me parece de boa praxe, para dar-nos uma idéa da refalsada hypocrisia do heróe da peça.

Confessando-me indisciplinado, não exalçarei o Sr. Xavier Pinheiro pae por haver tão perfeitamente respeitado as unidades de tempo e de acção, para salientar, entretanto, o feliz recurso dado ao trama da peça, fazendo o hypocrita apaixonar-se pela sobrinha do seu protector, e, mais ainda, o de ter-lhe arrancado violentamente a mascara, quando, esquecido do compromisso tomado, se deixa agora inconsciente arrastar pelo transporte de outra paixão.

Mas, pergunto eu : si Beatriz o desmascara, para que prolongar a acção com dois actos mais ? por que protelar o desfecho ? Bastaria que ella continuasse a dissimular, ganhando tempo para avisar da perfidia a Antunes, frustrando d'ess'arte o casamento projectado, casamento que se constituiria um tormento para a noiva, sua prima, que ama Emilio, e punir o sanctilão enxotando-o de casa. A peça perderia talvez, com a concisão em suas dimensões, mas lucraria certamente em effeito, porque a scena da seducção, que se me afigura insustentavel, abriria margem a um esplendido final.

De resto, a comedia me parece perfeitamente bem delineada, e o autor conduz o enredo com interesse sempre crescente atravez das peripecias mais ou menos romanescas, que o autor habilmente soube enriquecer com a moral das producções dramaticas de 1830, em que o crime é sempre castigado e a virtude ternamente premiada.

Seria superfluo occupar-me aqui das demais qualidades da peça, desde que o autor do *Tartufo no Rio de Janeiro* é tambem, como se sabe, o eximio traductor da *Divina Comedia*, de Dante ; não obstante, acrescentarei que o estylo, correcto e fluente, ageita-se, sem destoar, ao dialogo, sempre vivo e interessante.

As peças *naturalistas*, infelizmente, partiram os encanecidos moldes da bella linguagem, para adoptarem outros menos escolhidos, mais vulgares, e quiçá menos correctos; e, n'este caso, propositalmente sacrificam-se, ás vezes, os brilhos da manifestação pela palavra, para tornar os personagens mais reaes e imprimir ás situações uma vida palpitante de verdade, pôde ser, porém não de arte.

Acho, entretanto, que o Sr. Xavier Pinheiro, com o fino sorriso que lhe era peculiar, e com as raras virtudes civicas que o caracterisavam, formulou a these de sua comedia, e a desenvolveu, com todas as delicadezas de um espirito verdadeiramente superior, dando aos seus personagens coloridos puramente locais, muitas vezes difficeis de se conservarem sempre iguaes e uniformes.

Pontuando, só me resta encorajar o dedicado, filho no justo empenho de resgatar ás injurias do tempo mais um precioso trabalho de seu illustre pae, que, no cenaculo dos poetas brasileiros, tão merecidamente occupára um dos logares mais culminantes.

Capital Federal, agosto, 1905.

DR. PIRES DE ALMEIDA.

PERSONAGENS

Leonardo Antunes

D. Gertrudes

Amalia

Beatriz

Emilio

Luciano

Hermogenes

Gonçalves

Alexandrina

Laurentina

Um Official do Expediente da Policia

Um Pedestre

Um criado e um caixeiro

SCENA : RIO DE JANEIRO — ÉPOCA : 1856

ACTO PRIMEIRO

ACTO PRIMEIRO

Sala em casa do negociante Leonardo Antunes, sumptuosamente alfaiada. Janellas que dão para a rua. Portas que communicam com o interior e o exterior da casa. Dois gabinetes aos lados.

SCENA I

Beatriz e Amalia

BEATRIZ : — Como se demora ! Ha mais de uma hora, entrou o paquete do Norte, e o mano, que deve ter vindo a seu bordo, segundo prometteu em sua ultima carta, ainda não nos alegrou com a sua presença ! Não terá vindo ? Ou haveria engano no signal do telegrapho ?

AMALIA : — Não, prima : se assim fosse, o Sr. Luciano, que foi encontrar-se com o primo, teria já voltado com o desengano.

BEAT. : — Não imaginas, Amalia, quantas saudades tenho a cada momento do meu Emilio, desse bom irmão, tão desvelado por mim !... Parece que vel-o, bastaria para me fazer feliz.

AMAL. : — E, no emtanto, não é esta a primeira vez que te apartas delle.

BEAT. : — Sim, não é. No espaço de cinco annos, como te has de lembrar, tenho tido o dissabor de o ver cinco vezes ausentar-se, tres para a provincia de São Paulo e duas para Pernambuco ; mas nunca senti tão vivamente a separação, nem desejei tanto a sua volta, como agora.

AMAL. : — Bem te comprehendo, minha prima. Conheces quanta razão tenho para tomar parte n'essa

tua soffreguidão... Mas que mudança vem encontrar!... Meu Deus!

BEAT. :—Ai! imaginando isso eu, que desejo tanto estreitar ao peito o querido irmão, receio ao mesmo tempo a sua presença, porque sei que se vai tornar o mais infeliz dos homens... Ver desvanecidas as esperanças, que, ha tantos annos, lhe promettem a felicidade! Minha prima, Emilio precisa da protecção divina, porque grande tem de ser a tristeza de sua alma.

AMAL. :—O transtorno dessas esperanças, minha Beatriz, que tem sido tambem as minhas, muito me entristece. Sinto-me ainda mais amargurada quando penso nas maguas, que hão de saltar Emilio em face do obstaculo, que se levanta contra o nosso amor. Parece-me que muito mais dolorosa se tornará a infelicidade, que me está imminente.

BEAT. :—A fatalidade, que tem opprimido a nossa familia, continúa a perseguir-nos. Cuidei algum dia que os nossos infortunios tinham findado e que, apoz os dias de lagrimas, raiariam os de alegria. Enganava-me.

AMAL. :—Não evoques essas lembranças, prima.

BEAT. :—Quando os desgostos voltam mais acerbos que nunca, posso esquecer o passado?... Perdemos quasi ao mesmo tempo pae e mãe e ficaríamos ao desamparo se não nos valesse a compaixão de nossos bons tios. Poderia esquecel-o, minha Amalia?

AMAL. :—Fizeram simplesmente o seu dever.

BEAT. :—Não, não fizeram sómente o seu dever, porque não se limitaram a ter compaixão dos miseros orphãos. Agasalharam-nos em seu seio, criaram-nos como se fomos seus filhos, e, enchendo-nos de beneficios, quasi dissiparam em nossa memoria a lembrança do passado.

AMAL. :—O que chamas beneficios tem sido o desempenho de sua obrigação. Não era meu pae irmão do teu, e, mais do que irmão, o seu melhor amigo?

BEAT. :—Não é a primeira vez, Amalia, que intentas attenuar a divida em que eu e meu irmão estamos para com os nossos generosos tios. Mas nunca poderemos esquecel-o; e a gratidão nos ha de dar forças para, pagal-a não, mas retribuir com eterna devoção aos nossos bemfeitores.

AMAL. :—Não exageres, Beatriz.

BEAT. :—Emilio, que volta ornado com um pergaminho scientifico, é uma prova de que não ha exaggeração no que te estou dizendo. Ha mais de dez annos,

meu tio despende com a sua educação, como tem despendido com a minha, sempre ajudado por tua boa mãe em sua solicitude a favor dos dois orphãos.

AMAL. :—E a que vem a enumeração dos grandissimos favores, que tens recebido ?

BEAT. :—Quero dizer que os carinhos maternas que deparamos na orphandade, nos persuadiram de que o mal de outr'ora não continuaria a perseguir-nos. Quero dizer que essas longas treguas, que nos concedeu a fatalidade, fizeram termo. Tudo está prestes para levar á desesperação o meu Emilio na occasião em que teria de ser feliz. Elle vai saber que a tua mão já foi concedida a outro: é golpe, a que não poderá resistir, Amalia. Em face de sua infelicidade, o que será de mim ?

AMAL. :—Tens sobeja razão nas tuas queixas. Eu, que conheço o firme e puro amor de Emilio, estou certa de que elle será infeliz, quando vir qual é a vontade de meu pae. Mas, prima, no meio dos dissabores que me causa esta certeza, devo dizer-te que de todo ainda não perdi o alento.

BEAT. :—Mas o que esperas tu, quando meu tio e minha tia já se comprometteram solemnemente a te casarem com esse Hermogenes, cuja influencia sobre o seu espirito se tem enraizado tão profundamente ?

AMAL. :—Não o ignoro ; mas tambem é certo que elles não sabem que entre mim e meu primo existe uma affeição que só com a nossa vida ha de terminar. Estou persuadida, Beatriz, de que mudarão de acôrdo, tanto que forem inteirados da verdade. Não te parece assim ?

BEAT. :—Será possivel, mas bem receio que o meio heroico, a que te queres soccorrer, não produza o effeito desejado. Praza a Deus que a tua esperança não seja illusoria !

SCENA II

As mesmas e Luciano

LUCIANO :—Aqui estou, meninas.

BEAT. E AMAL. :—Sr. Luciano ! Só ! E Emilio ?

LUC. :—Vem e não está longe.

BEAT. :—Mas porque o não acompanhou ?... Quero vel-o... Ah ! meu irmão !

LUC. : — Modere a sua impaciencia. Antes de findos cinco minutos ha de ter Emilio em seus braços.

BEAT. : — Mas onde está elle ? Não desembarcou ?

AMAL. : — Não veio até aqui em sua companhia ?

LUC. : — Quando sahi para encontrar-me com Emilio, prometti-lhe, D. Beatriz, voltar sem demora, trazendo-lhe seu irmão ou noticias suas.

BEAT. : — Se me traz sómente noticias, para que me enganar dizendo que chegou Sr. Luciano ?

LUC. : — Ouça, menina. Emilio está perto daqui : não a estou enganando.

O seu primeiro cuidado, em desembarcando, foi perguntar-me se seu tio estaria já no escriptorio. Sabem as senhoras quanto se confessa devedor ao senhor Antunes e como deseja mostrar-se-lhe agradecido.

AMAL. : — Tive mais de uma occasião de metter á bulha a insistencia com que o primo falava dos beneficios recebidos de meu pae... Nisto Beatriz se parece com elle... E são teimosos !

BEAT. : — Uma vez que não podemos solver a nossa divida, mostramos, ao menos, que a reconhecemos.

LUC. : — Sim — tornei eu a Emilio — seu tio deve estar no escriptorio; mas sua irmã, sua tia e sua prima o aguardam em casa : vá abraçal-os primeiro e depois se verá com seu tio. Não — replicou-me elle — acabo de pôr o remate á minha educação litteraria : é beneficio que devo a meu tio. Pisando terra do Rio de Janeiro desejo vel-o primeiro que a essas pessoas, a quem tanto prézo, para declarar-lhe, ainda uma vez, e pela maneira mais solemne, a minha gratidão. Não tive objecção a oppôr-lhe ; e, emquanto Emilio, quero dizer, o Sr. Emilio, se encaminhou para o escriptorio, vim a toda pressa trazer noticias suas. Estão as senhoras satisfeitas ?

BEAT. : — Agradecida, Sr. Luciano, a mais esta prova de sua amisade a meu irmão e a mim !

LUC. : — Agradecida ? Porque ?

BEAT. : — Agradecidos sempre lhe havemos de ser a essa affeição constante que nos tem mostrado, ha tantos annos... desde que meus tios nos agasalharam em sua casa.

LUC. : — Pois não era dever meu proceder assim, tendo sido amigo de seu saudoso pae e gozando da confiança do Sr. Antunes ? Pergunte a D. Amalia se se julga obrigada ao guarda-livros de seu pae por tratá-la com o mesmo affecto, que lhe tenho.

AMAL. : — Se Beatriz me fizer a pergunta que o senhor lhe insinúa, eu responderei que o guarda-livros de meu pae, sendo o homem de sua intima e especial confiança para dirigir com zelo os negocios de sua casa, tem ainda mais, por muitos outros titulos, direito á sua amizade e á de sua familia.

LUC. : — As meninas dizem que me são agradecidas : até hoje não ha motivo para isso. Mas fiquem sabendo que algum dia me deverão agradecimento, porque então já lhes terei feito algum bem... São cousas do futuro...

BEAT. : — Havemos de agradecer-lhe para o futuro ? Quer então deixar-nos por suas herdeiras ?

LUC. : — Bem vi que havia de desafiar a sua curiosidade, minhas bellas meninas... Mas, se eu lhes disser que não posso satisfazel-as, porque ahí está o meu segredo ?

AMAL. : — Nós lhe diremos que não quer guardar segredos quem avisa a outrem de que os tem.

BEAT. : — Sim ; e, se nos quer em segredo fazer um bem tamanho, porque já nos intima para agradecer-lhe ?

LUC. : — Querem saber ? Pois ouçam. D. Amalia, a senhora está promettida a Hermogenes, amigalhão recente do Sr. Antunes ; mas esse casamento não lhe póde convir...

BEAT. : — E porque ?

LUC. : — Porque D. Amalia quer casar-se com outro e desse outro D. Beatriz sabe o nome.

BEAT. : — Eu ? Quem lh'o disse ?

LUC. : — Seio-o eu. Não é verdade ?

BEAT. : — E se eu responder — não ?

LUC. : — Replicarei declarando-lhes o nome do preferido. Chama-se... Emilio !

AMAL. : — Ah !

LUC. : — Não era preciso muito ardil para conhecer o que os seus olhos denunciavam claramente. Ha muito tempo que eu sei do que se passa em seus corações.

BEAT. : — Mas então deve saber que minha prima e meu irmão estão em risco de serem infelizes.

LUC. : — Se sei !...

BEAT. : — E que a infelicidade de ambos será tambem a minha ?

LUC. : — Tambem sei. Respondam-me agora por sua vez : se por esforços meus a mão de D. Amalia não se una senão com a de Emilio, terei ou não direito ao seu agradecimento ?

BEAT. : — Será para nós um enviado da Providencia.

AMAL. : — Eu lhe deverei mais do que a vida.

LUC. : — Terei sómente assim provado que lhes tenho verdadeira amizade, e, então, unicamente poderão dizer que me são agradecidas.

BEAT. : — Mas como hade conseguil o ?

LUC. : — Os meios não devo, não posso declarar. Julguei preciso dizer-lhes o que ouviam, porque os tenho visto, ha muitos dias, cheios de tristeza, e, conhecendo a causa, doe-me na alma o desgosto de meninas que por tantas razões devo estimar. Não está longe a hora decisiva ; não desanimem, porém. Na occasião mais critica, ha de a Providencia soccorrer-lhes.

BEAT. : — E dizer que ainda não temos motivos para lhe sermos agradecidas !

AMAL. : — Achamos em sua amizade protecção e amparo. Se permittir Deus que se realizem os seus intentos, eu lhe deverei a felicidade, Sr. Luciano.

LUC. : — Ainda não é tempo para agradecimentos. Peço-lhes, agora, licença para retirar-me. Ha quem espere por mim. (*Sahe*)

SCENA III

As mesmas e D. Gertrudes

D. GERTRUDES : — Será verdade, minhas filhas, o que acabo de ouvir ? Que o Sr. Luciano voltára sem Emilio ?

BEAT. : — E' verdade, minha tia.

GERT. : — Assim, está conhecido que não veio no paquete que, ha pouco, entrou ?

BEAT. : — Emilio chegou...

D. GERT. : — Chegou ! Quanto prazer sinto ! Vamos abraçar o nosso Emilio... Tarda-me já ver esse filho querido... Onde está elle ?

BEAT. : — Neste momento se acha no escriptorio com meu tio. Foi cumprir com seu dever sagrado.

D. GERT. : — D'ora em diante não havemos de passar pelo desgosto de sua ausencia. Foram satisfeitos os seus e os nossos desejos.

BEAT. : — O meu querido irmão deve tanto á bondade e ao affecto de V. M.^{ce} e de meu tio, que, dedi-

cando a vida inteira ao seu serviço, não conseguirá manifestar o seu agradecimento.

D. GERT. : — Tenho-te muitas vezes dito, menina, que Emilio e tu são nossos filhos pelo amor que lhes dedicamos e pela obrigação que contrahimos. Devem-nos amizade, outra cousa não.

BEAT. : — Nunca heide esquecer, minha boa tia, as tristes circumstancias a que devo o amparo, que eu e meu irmão achamos em seus braços, se bem que eu tivesse então sómente oito annos... Desde então, ha dez annos, desvelos maternas nos tem rodeado a toda hora. Restituiu-nos Deus, em V. M. cês, aquelles que chamara á sua gloria.

(*Enternecida beija-lhe as mãos*).

D. GERT. : — Que fazes, menina ? Nesta occasião as lagrimas não são admittidas... Sorrisos devem dar signal da alegria dos nossos corações. Não te parece assim, Amalia ?

AMAL. : — Sim, mamãe.

D. GERT. : — Estás tambem tão séria, minha filha !... Quererás tambem chorar como Beatriz, menina ?

AMAL. : — Chorar ? Porque, mamãe ?

D. GERT. : — O dia de hoje é para nós de muita satisfação. Volta Emilio para se não separar mais de nós. E' o Sr. Dr. Emilio, um homem feito, habilitado para todas as distincções sociaes, para ser a honra de nossa familia. A transformação deve-nos encher de jubilo a nós, que o vimos menino.

BEAT. : — Emilio, minha tia, vai gozar do mais puro contentamento vendo que continúa a ser amado pelas pessoas a quem mais respeita e estima.

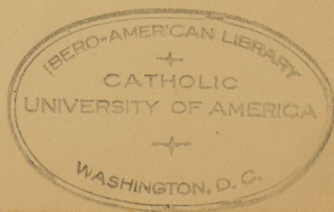
D. GERT. : — Elle bem sabe que sempre o senhor Antunes e eu lhe guardamos o melhor dos nossos affectos. Bem o tem merecido : nunca o achamos desobediente ou indocil. Menino como elle foi, ha e hade haver poucos... Mas já tarda... Estou soffrega por estreital-o nos braços.

SCENA IV

As mesmas e um criado

O CRIADO : -- O Sr. Hermogenes.

D. GERT. : -- Dize que entre. (*Sahe o criado*). E' sempre moderado e comedido este excellentes homem;



abstem-se da permissão que lhe tenho dado de entrar francamente nesta casa. Não devia já usar de ceremonias connosco.

SCENA V

As mesmas e Hermogenes

HERMOGENES (*cortejando*) : — Minhas senhoras !

D. GERT. : — Já se demorava, meu caro Sr. Hermogenes. Estava anciosa pelos esclarecimentos que ficou de trazer-me sobre a protegida da nossa sociedade.

HERM. (*levando o lenço aos olhos*) : — Ah! minha senhora, quando V. Ex. souber do motivo de minha demora, ha de, certamente, desculpar-me... Ainda não pude tornar em mim do profundo abalo que me causou a scena que acabo de presenciar.

D. GERT. : — Muito forte deve ter sido esse motivo. Conte-nos, pois, o que foi.

HERM. : — Antes de vir á presença de V. Ex., tive necessidade de entender-me com o Sr. Antunes : era urgente e breve. Começava a falar-lhe, quando no gabinete, onde nos achavamos, entrou um mancebo a quem eu não conhecia. Lançou-se aos braços do Sr. Antunes e, entre lagrimas e soluços, exprimiu-lhe gratidão e beneficios que dizia haver recebido do meu honrado amigo.

D. GERT. : — Já sei quem era : Emilio, meu sobrinho.

HERM. : — Sim, Sra. D. Gertrudes, era elle mesmo, como então vim a saber. Havia, minhas senhoras, tanta ternura na physionomia, tanta eloquencia nas palavras do Sr. Emilio, brotavam tanto do coração aquellas doces lagrimas, que o Sr. Antunes não pode conter as suas ; e até eu, testemunha daquella scena pathetica, não pude resistir ao enternecimento, e, como elles dois, igualmente chorei. (*Levando o lenço aos olhos.—D. Gertrudes faz o mesmo*).

BEAT. : — Muito agradecida, Sr. Hermogenes !

HERM. : — Quando o coração está impressionado, é impossivel reprimir os assomos da sensibilidade. Assim não fiz mais do que ceder ao poder da natureza. Eis ahi a razão por que me detive mais do que tencio-

nava ; e muito maior seria a demora, se não me estimulasse a lembrança do dever, com que tinha de cumprir perante V. Ex., Sra. D. Gertrudes. Corri, pois, do escriptorio até aqui em um sossobro indizível. Venho trazer-lhe as ultimas informações de que V. Ex. precisava a respeito da protegida da sociedade para a solemnidade de hoje.

D. GERT. : — Quanto estimo ! Estou prompta a ouvir-o, Sr. Hermogenes.

HERM. : — Mas, minha senhora...

D. GERT. : — Compreendo-o. Acanha-se em falar na presença destas meninas. Tem razão. Vamos para o meu gabinete.

HERM. : — Até porque lá é preciso tomar algumas notas para completar o relatorio que V. Ex. tem de apresentar na sessão magna e não ha tempo a perder.

D. GERT. : — Esperem me vocês : voltarei daqui a pouco. Se, entretanto, Emilio chegar, ou me chamem ou mandem-o ao meu gabinete. Quero immediatamente abraçar este filho querido.

(*Sahem D. Gert. e Herm.*)

SCENA VI

As mesmas e Emilio

BEAT. : — Emilio ! meu querido irmão ! (*Corre para elle e abraça-o*).

EMILIO : — Minha Beatriz ! Sra. D. Amalia ! (*Cortejando-a com tristeza*).

AMAL. : — Meu primo, receba os parabens. Já conseguui o que queria... Dê-me um abraço. (*Abraça-o*).

EMIL. : — Agradeço-lhe tanta bondade... Não desejava estes parabens, quando já me não é permitido aspirar a demonstrações de sua estima...

BEAT. : — Que diz, mano ?

AMAL. : — Que significam estas expressões, meu primo ? Donde procede a sua tristeza ?

EMIL. : — Ainda me perguntam, quando não ignoram a causa !... Sou muito infeliz !...

BEAT. : — Ai ! Já sabe de tudo !...

EMIL. : — Minha prima, a senhora vai casar-se com outro... Esqueceu-se bem depressa de quanto me prometeu, de quanto me jurou !...

AMAL.: — Não é verdade, meu primo.

EMIL.: — Não é verdade! Pois a senhora não vai casar-se com o amigo de seu pae? Pois a senhora não me prometteu, não me jurou repetidas vezes que só com a minha mão se uniria a sua?

AMAL.: — Ainda não faltei ás minhas promessas, ainda não quebrei os meus juramentos. Repito-os, Emilio: extingua-se a minha vida no momento em que eu der a outro o direito de me chamar sua esposa.

EMIL.: — Mas então como devo entender o que ha poucos minutos me disse meu tio?... Estarei sonhando!... Estarei para enlouquecer!...

AMAL.: — Nem uma, nem outra cousa.

EMIL.: — Logo, é certo que está ajustado o seu casamento com o amigo de seu pae?

AMAL.: — E' certo.

EMIL.: — E ella o diz!... E ella consente!... E ousa afirmar que não quebrou os seus juramentos!... Oh! vacilla-me a razão!...

BEAT.: — Socega, meu irmão! Ouve-a primeiro e julgarás.

EMIL.: — Dizes-me que socegue, depois de ter sabido de meu tio, que só esperava a minha volta para celebrar o casamento de Amalia com o seu melhor amigo, depois de ouvir a confirmação desta fatal noticia pela propria boca de minha prima!... Socegar!... Não... quero morrer!...

AMAL.: — Socegue! digo-lhe tambem eu, Emilio. Não seja precipitado em julgar-me, quando apenas tem visto as apparencias.

EMIL.: — Pois fale, Amalia... Decifre este horroroso enigma, que me perturba o entendimento, que me tortura o coração.

AMAL.: — Meu pae, captivado por prestigio, que não sei comprehender, se tem deixado subjugar e conduzir por um homem, que conhece ha alguns mezes apenas, por esse Hermogenes... E' para elle o modelo da honestidade mais acabado, o mais douto mestre de emprezas mercantis, o mais seguro e prudente organisador de especulações commerciaes. Sabe que tem sido este o fraco de meu pae: os mais ousados não o intimidam. Foi levado a esta crença pelo bom resultado, que colheu de insinuações e conselhos de Hermogenes. E' impossivel que alguem tenha igual confiança em outro homem.

EMIL.: — Mas como veio a conhecê-lo?

AMAL.: — Ignoro-o.

EMIL. : — E' incrível !

AMAL. : — E' incrível, mas é verdade. Por outro lado não ha catholico mais zeloso em causas de fé, mais fervente na pratica dos preceitos da religião, mais caritativo, mais desapegado das vaidades do mundo, mais isento dos defeitos communs á especie humana do que o Sr. Hermogenes. Lembra-se do quanto minha mãe é escrupulosa em negocios de devoção, do quanto se deixa prender das inspirações de quem crê e pratica como ella ?

EMIL. : — Lembro-me ; e nisto consiste uma das suas mais excellentes qualidades e ao mesmo tempo talvez a sua unica fraqueza.

AMAL. : — Resultou dahi, meu primo, que o Sr. Hermogenes, o catholico sem mácula, se assenhoureou de sua vontade ; e assim ella não dá um passo sem consultar esse homem exemplar.

EMIL. : — E como succedeu tudo isto em tão pouco tempo que estive ausente ?

AMAL. : — E' o segredo do Sr. Hermogenes. Lembra-se de que minha mãe era Presidente de uma sociedade de senhoras intitulada—Obra pia em beneficio das moças desvalidas ?

EMIL. : — Lembro-me. Compunha-se unicamente de senhoras casadas e destinava-se a chamar ao caminho da virtude as moças que se tinham desviado das veredas do dever.

AMAL. : — Continuou a dirigir essa Associação philantropica, de que actualmente é Secretario e Agente infatigavel o Sr. Hermogenes... E o Sr. Hermogenes tem conseguido maravilhas em desempenho do programma da Obra pia. Desta maneira vai ganhando cada dia mais terreno e goza da mais intima e completa confiança assim da Presidente, como de muitas socias mais notaveis.

EMIL. : — E' assombroso !

AMAL. : — Vê, portanto, meu primo, que o Sr. Hermogenes domina sobre o pensamento e o querer de meu pae e de minha mãe : no conceito delles não ha quem seja mais perfeito e até quem se lhe iguale. Por conseguinte havia de lhes parecer naturalmente que a mais preciosa conquista para sua casa seria a desse homem portentoso ; e, como ignoravam o nosso mutuo amor, Emilio, deram-lhe a entender que assentiriam ao casamento de Hermogenes com a sua filha unica.

EMIL. : — Deram-lhe a entender ! Isto quer dizer que lhe offereceram a sua mão !

AMAL. : — Sim, meu primo. O Sr. Hermogenes fez-lhes a fineza de condescender com os seus desejos e pediu a minha mão. Foi recebido com muito especial agrado.

EMIL. : — E não indagaram se era do seu gosto, minha prima ?

AMAL. : — Meu pae e minha mãe entendem que uma menina de pouco sizo como eu, não tem parecer em semelhante assumpto... Sabes quanto são absolutos em sua vontade. Disseram-m'a e exigiram obediencia. Representei-lhes com supplicas e lagrimas que tal casamento não é do meu agrado.

EMIL. : — Mas é uma barbaridade inaudita ! ... Não vêm elles que vão assim fazer a sua infelicidade ?

AMAL. : — Estão ao contrario convencidos de que a minha opposição nasce de capricho infantil. Tem para si que para a minha felicidade é essencial o Sr. Hermogenes.

EMIL. : — Onde se viu cousa semelhante ? ... Esse Hermogenes é um prodigio... Custa a imaginar que haja homem capaz de tamanho predomínio sobre espiritos atilados como os de meus tios !

AMAL. : — A' vista disto, resignei-me ao silencio. Esperava a sua volta, Emilio, para recorrer ao ultimo meio, ao que julgo decisivo : declarar a meus paes que o amo, meu primo, e que casar-me com outro será irreparavel desventura tanto para mim como para você. Não lhe parece efficaz, considerando os extremos, com que o estimam ?

EMIL. : — Temo que o não seja. Se Hermogenes vale tanto com elles, terão o nosso amor em conta de puerilidade e seremos sacrificados... Ai de mim ! estou-me convencendo de que a minha infelicidade é inevitavel... Meu Deus ! ...

BEAT. : — Não desanimes, Emilio. Nossos tios são bons, têm sido para nós verdadeiros paes. Não hão de querer destruir o que fizeram com tanto esmero por espaço de tantos annos. Iremos todos deitar-nos a seus pés, regal-os com as nossas lagrimas... Será impossivel que resistam, que nos neguem a ventura, que está em suas mãos.

EMIL. : — Ah ! mana querida ! Diz-me o coração que é van toda a esperanza, que para mim Amalia está perdida. (*Abraga a irmã a chorar*).

AMAL. : — Serei sua esposa ou me verá morta !

SCENA VII

Os mesmos e Luciano

LUC. : — Não, Emilio, não ha de vel-a morta, porque será seu esposo.

TODOS : — Sr. Luciano !

LUC. : — Não chore, Emilio : ouvi o que disse sua prima e sei da causa das suas lagrimas. O infortunio que temem não se ha de realisar. Affirmo-o com todas as forças da minha alma, como quem tem a certeza de que dispõe dos meios necessarios para impedir-o e converter o mal em alegria e felicidade.

EMIL. : — Que diz, meu amigo ? Promette um impossivel... Não conhece Hermogenes ?

LUC. : — Conheço Hermogenes, conheço-o muito bem e sei o que prometto. Asseguro-lhe que me sobejam meios para vencer este impossivel.

EMIL. : — Perdôe, meu amigo : duvidei da efficacia de suas palavras, quando sei quanto é prudente e acautelado no que diz. Desde a infancia aprendi em suas acções que não promette nem de leve, nem em vão. Confio-me inteiramente á sua amizade. A's suas mãos entrego a minha fortuna e a minha vida.

LUC. : — Não se ha de arrepender. Agora, vá beijar a mão de sua tia : ella está no seu gabinete. Tenham animo e esperemos.

CAE O PANNO.

ACTO SEGUNDO

ACTO SEGUNDO

Sala em casa de Leonardo Antunes.

SCENA I

Hermogenes e Antunes

HERM. : — Não sei comprehender os negocios de outra maneira, meu amigo. Toda a empresa, toda a transacção, que não tiver por base os principios de justiça e honestidade, está, em meu conceito, eivada de vicio insanavel. Repillo-a, evito-a incontinente, como funesto contagio.

ANTUNES : — Bem poucos são os que o acompanham neste modo de proceder, Sr. Hermogenes.

HERM. : — Lamentavel raridade ! Não lhe parece assim ?

ANT. : — Concedo. E tanto a lamento, que todos os dias tenho de apurar a vigilancia e aguçar a perspicacia para não cahir nos laços, que uma malta innumeravel de velhacos, encobertos debaixo de bellas apparencias, armam á boa fé dos incautos. Mas no presente caso, meu amigo, não seria demasiado o seu escrupulo ?

HERM. : — Sr. Antunes, não quero affectar extremos de probidade. Sou até inimigo irreconciliavel de toda a affectação, principalmente de virtude, porque vejo nisso mais uma cilada aos que crêm de leve. E', pois, muito naturalmente que não aceito intervenção directa e indirecta nesse negocio, em que suspeito origem um tanto impura.

ANT. : — E no emtanto, Sr. Hermogenes, a sua abstenção lhe vai custar um par de contos de réis, que sem risco, nem dispendio seu lhe podiam entrar para a burra !

HERM. : — Muito estimaria ganhá-los, mas não lhes sacrificarei os principios, com que até o presente se tem dado tão bem a minha consciencia. E, depois, bem leve me é semelhante perda, quando espero compensal-a com toda a lisura em nossa nova empreza.

ANT. : — Mais um feliz producto de sua imaginação e da sua pericia.

HERM. : — Feliz, porque mereceu as honras de sua approvação, condição sufficiente para a aceitação, de que já está gozando.

ANT. : — Como não havia de ser assim, sendo tão simples a idéa e tão vantajosos os resultados, que promette ? Quem não quererá possuir carruagens, que não façam estrondo em uma cidade como o Rio de Janeiro, onde os ouvidos são a toda a hora torturados ? A nova empreza ha de, infallivelmente, ter a mesma felicidade das outras que já nos têm dado tão bonitos lucros. As *Carruagens silenciosas* estão destinadas a fazer o mesmo furor ou ainda mais que as suas *Forjas sem fogo* e as suas *Chaminés sem fumaça*.

HERM. : — Basta que alcancem aceitação igual.

ANT. : — Auguro-lhe muito mais, meu amigo. Não são unicamente os ouvidos do povo fluminense que ficam livres de um vexame : sel-o-hão tambem as calçadas das ruas. As rodas das carruagens, que vamos inaugurar, passarão tão de leve sobre os parallelipipedos, que nem os arranharão.

HERM. : — E' certo. Esta vantagem é tão palpavel, e já está tão reconhecida, que a Illma. Camara Municipal mandou-me os emboras pela boa lembrança, que tive, que lhe ha de poupar dinheiro na conservação dos calçamentos e os cuidados incessantes, que lhe move o seu reconhecido zelo pela commodidade publica.

ANT. : — Por isso e por tudo o mais a sua excellente idéa foi recebida na praça com o entusiasmo que presenciamos. Não ha melhor prova de que se destina a utilizar dos interesses de todos e a satisfazer a uma grande necessidade social.

HERM. : — E' isto o que tranquillisa a minha consciencia, meu amigo. Se eu imaginasse que as minhas idéas, postas em execução, serviriam de incentivo sómente á agiotagem, teria eterno remorso. Por lucrativas que me fossem, havia de rejeital-as como inventos dignos de abominação.

ANT. : -- Tambem as suas emprezas, meu caro Sr. Hermogenes, são as que, entre tantas outras, que todos os dias se apresentam, gozam de mais applausos e aceitação.

Viu que hontem as acções das *Forjas sem fogo* deram 32\$ de premio, e as das *Chaminés sem fumaça* subiram a 40\$. Desta sorte não é exageração esperar que as das *Carruagens silenciosas* obtenham brevemente mais do que isso.

HERM. : — Quantas já estão pedidas ?

ANT. : — Estão pedidas 150.000, quando o capital da empresa está dividido sómente em 100.000. Succedeu o que necessariamente havia de ser: já se offerece algum premio.

HERM. : — A' vista disto hei de ceder as minhas 500 acções beneficiarias, logo que dêem 20\$000.

ANT. : — Não faça tal, meu amigo! Antes de findo o mez corrente hão de dar, pelo menos, 50\$. Para que ha de perder este lucro infallivel? Já com as outras fez o mesmo. Permitta que o censure por isso, meu caro Sr. Hermogenes.

HERM. : — Não sou ambicioso, Sr. Antunes; contento-me com pouco. Fico satisfeito vendo que presto um serviço real ao publico desta cidade. Eu coraria de pejo, se pensasse que estava especulando com a agiotagem.

ANT. : — Sempre e em tudo a mesma austeridade de principios... Meu amigo, não quero ferir a sua modestia, mas peço-lhe permissão para lhe dizer que o coração de quem conversa e trata com o senhor se eleva e se apura: ainda não vi homem que lhe seja comparavel em rectidão e probidade.

HERM. : — Não diga isto, meu nobre amigo! Estaria o mundo perdido, se não houvesse milhares de pessoas muito e muito superiores a mim. Sem sahir daqui sei de alguém, que nisto e em tudo mais pôde servir de modelo até aos mais virtuosos.

ANT. : — Não quero insistir, meu amigo; porque sei quanto o vexo, quando lhe dou os louvores, que merece. Passo, portanto, a outro assumpto, que, creio lhe ha de ser mais agradavel. O seu casamento deve realizar-se de hoje ha tres dias.

HERM. : — De hoje ha tres dias! Oh! meu bom, meu excellente amigo!

ANT. : — Cessou a causa da demora. Esperavamos sómente por Emilio.

HERM. : — Nobre mancebo! Que coração tão puro! Quem exprime a gratidão, como lhe ouvi, ha duas horas, é capaz das mais sublimes virtudes.

ANT. : — Amo-o como se meu filho fôra: tudo farei para sua felicidade, tudo.

SCENA II

Os mesmos e um criado

O CR. : — Um senhor, que não conheço, procura o Sr. Hermogenes... Diz que é para negocio que não pôde esperar.

HERM. : — Diga-lhe que vá esperar-me no meu escriptorio.

ANT. : — Não, meu amigo : mande entrar.

Está em sua casa. Vou, entretanto, ao meu gabinete. Voltarei daqui a alguns minutos. (*Ao Cr.*) Dize a esse senhor que faça o favor de entrar. (*Sai o Cr.*) Sr. Hermogenes, fique a seu gosto. (*Sai*)

HERM. : — Quem será ? Negocio que não pôde esperar !

SCENA III

Hermogenes e Gonçalves

HERM. : — Que vens aqui fazer, Gonçalves ? E's um imprudente...

GONÇALVES : — Bem sei que não devia procurar-te nesta casa, mas era preciso falar-te quanto antes.

HERM. : — Fala e sê breve.

GONÇ. : — Honorato desapareceu...

HERM. : — Honorato desapareceu !... Não se sabe para onde foi ?

GONÇ. : — Suspeito que partiu para o Rio da Prata no paquete que sahiu hoje. Levou comsigo todo o capital do estabelecimento e os objectos existentes.

HERM. : — Que dizes ?... E não soubeste de sua má'tenção para me avisares em tempo ?

GONÇ. : — Como havia eu de saber, se ainda hontem estiveste com elle e nada suspeitaste ?

HERM. : — E podia suspeitar, quando havia recebido delle provas de probidade e de absoluta devoção aos meus interesses ? Como abusou de minha boa fé, de minha confiança ! Infame !

GONÇ. : — Permittes que te fale com a franqueza de amigo ?

HERM. : — Sim, com tanto que não sejas prolixo.

GONÇ. : — Enganando-te, Hermogenes, o homem da tua confiança imitou um modelo, que bem conhecemos.

HERM. : — Quem ?

GONÇ. : — Ainda perguntas ? Imitou a ti mesmo.

HERM. : — Trazes uma noticia funesta, e ainda te lembras de gracejos, que parecem insultos !...

GONÇ. : — Insultos ? Não. Liberdade de amigo... Devo-te a verdade... Ou quererás acaso que eu, adu-lando-te e mentindo até na intimidade, diga-te, como certos papalvos, que és o mais virtuoso dos mortaes ? Em vez de te enfadares, agradece-me a franqueza por acerba que te pareça. E' indicio de que não pretendo illudir te.

HERM. : — Está bem, Gonçalves : reconheço a tua lealdade. Mas dize : sabes em quanto orça a perda, que me traz a fuga de Honorato ?

GONÇ. : — Calculo em 50 contos o dinheiro teu que se achava em seu poder, e em cerca de 20 contos o valor dos penhores existentes da quantia emprestada.

HERM. : — Pois enganas-te quanto ao primeiro algarismo. Tinha-lhe confiado, ha seis mezes, 80 contos. Sabes como elle punha e dispunha no estabelecimento: para o publico era o unico interessado no negocio. Esse capital foi empregado na sua totalidade ao juro minimo de 6 % ao mez. Havia já apurado, um rendimento de 24 contos, metade dos quaes me pertencia. Por conseguinte, o meu prejuizo sobe a 92 contos.

GONÇ. : — Não julgava que fosse tamanho.

HERM. : — E assim, Gonçalves, se vai o fructo de tantas fadigas... Trabalhei para os outros !...

GONÇ. : — Infelizmente não é isto só...

HERM. : — Não é isto só ? Ainda soffri outro roubo ?

GONÇ. : — Não, não foste roubado. Sómente a fortuna te foi avessa na noite passada... A banca foi á gloria duas vezes...

HERM. : — Duas vezes !... Manejavas os dados e deixaste engolir ! Oh !...

GONÇ. : — Sabes que algumas vezes se volta o feitiço contra o feiticeiro... A parceirada deu com um chorrilho de pequenos e investiu como guerreiros ao assalto... Em poucos minutos desapareceram 15 contos.

HERM. : — Quinze contos em uma noite !... Nunca a banca perdeu tanto de uma vez... Fatalidade !

GONÇ.:—Bom seria, se as perdas da noite se limitassem a esta quantia... Já te disse que a banca foi á gloria duas vezes.

HERM.:—Já me não lembrava... Continúa, Gonçalves.

GONÇ.:—Suspendi então o jogo no proposito de continuar depois da ceia.

HERM.:—Esplendido banquete, segundo o costume...

GONÇ.:—Assim devia ser. E' um excellent engodo para attrahir parceiros. As iguarias delicadas, os vinhos fins, os cristaes, a baixella, que finge prata, as flores e a conversação agradável de algumas beldades, tenho para mim que são os melhores laços que é possível armar a certos passarinhos para depenar-lhes a brilhante plumagem.

HERM.:—Sei disto : é a minha theoria. Mas vamos ao que mais importa.

GONÇ.:—Finda a ceia, formei nova banca, bem certo de que os dados fariam desta feita o seu dever. Pertinacia da má sorte ! Começara o negocio optimamente ; mas, quando eu menos esperava, entrei em um chorrilho de grandes. Foram não menos de oito !

HERM.:—Oito grandes !

GONÇ.:—Ao oitavo não tinha adiante de mim nem uma nota de 20\$. Para ver até onde chegava o caipoismo, lancei os malditos dados mais duas vezes... Ainda duas vezes deram grandes !

HERM.:—De quanto era a banca ?

GONÇ.:—Dez contos.

HERM.:—Assim, da noite para o dia, perdidos 117 contos !

GONÇ.:—Foi infelicidade inexplicavel !

HERM.:—Examinaste depois os dados ? Não haveria alguma substituição ?

GONÇ.:—Não. Eram os mesmos que me déste : ampulhetas perfectas, delicadissimas, desempenhando restrictamente as suas funcções... Obra prima no seu genero !... Parecia infallivel o feitiço ; mas voltou-se contra o feiticeiro...

HERM.:—Tres revezes ao mesmo tempo, quando a fortuna mais fagueira me sorri !

GONÇ.:—Para os dois ultimos ha remedio e nol-o ha de dar a noite de hoje. Mas preciso de dinheiro : a banca está exhausta.

HERM.:—Que angustia ! Estou no mesmo caso, Gonçalves.

GONÇ.:—Contraia um emprestimo.

HERM.:—Dar o meu braço a torcer ? Isso não.

GONÇ.:—Então só nos resta aquelle grande meio...

HERM.:—Não será preciso. De hoje a poucos dias é provavel que se realise, com bom lucro, a venda das minhas acções beneficiarias das *Carruagens silenciosas*.

GONÇ.:—Daqui a poucos dias ! Estaríamos bem arrançados ! O expediente da banca não póde parar... Queres que se desacredite o mais famoso dos estabelecimentos de sua especie existentes nesta Côrte ? Não ignoras os inconvenientes de uma interrupção...

HERM.:—Sei bem disso... Mas resta-me ainda um recurso prompto e sem risco.

GONÇ.:—Tanto melhor ! E não m'o dizias ?

HERM.:—Angelica tem uns 12 contos, que lhe entreguei hontem, producto de acções das *Forjas sem fogo*.

GONÇ.:—(*rindo-se*). Triste recurso ! Angelica está longe daqui.

HERM.:—Estás louco ! Angelica longe daqui ?

GONÇ.:—Acompanhou Honorato.

HERM.:—Inferno e maldição ! Angelica infiel e traidora ! E assim me paga tantos extremos de amor e generosidade ! E' para enlouquecer !

GONÇ.:—Deixa-te de lamentações inuteis... Recupera a serenidade de espirito, de que tanto precisas. A todo este mal has de achar remedio: tu o tens principalmente na habilidade das tuas mãos.

HERM.:—Não desejava recorrer mais a este meio perigoso.

GONÇ.:—Quem fala em perigo ? Terás em tempo dinheiro para sanar todo o mal. Não é a primeira vez que nos sahimos bem de empresas destas. Reflecte... Poderei falar te daqui a uma hora no teu escriptorio ?

HERM.:—Sim. Lá te darei a resposta.

GONÇ.:—Então até logo. (*Sai*)

SCENA IV

Hermogenes e Antunes

ANT.:—Este papel encerra a conclusão do que lhe ia dizer, meu caro Sr. Hermogenes, quando fui interrompido. E' uma provisão da Camara ecclesiastica : concede dispensa de proclamas e permite que a cerimonia seja celebrada em oratorio particular, onde e quando mais convenha.

HERM.:—Quanto lhe agradeço, meu caro Sr. Antunes! A sua provida solicitude apressa o dia de minha felicidade!... Obrigado! mil vezes obrigado!

ANT.:—Se com isto lhe dou prazer, também recebo satisfação. Não é para meu coração motivo do maior contentamento esta alliança que une a sorte de minha filha com a do homem que mais a merece?

HERM.:—De hoje a tres dias terei a gloria de lhe beijar a mão como filho obediente! Posso eu aspirar a maior ventura? (*Trava-lhe da mão e a aperta ao peito*)

ANT.:—Vai agora para o escriptorio? A que hora o verei?

HERM.:—Talvez antes das 2 da tarde. Tenho de falar com a Sra. D. Gertrudes e receber suas ordens para negocio importante da sociedade. Confere-se hoje um premio...

ANT.:—Sei. Pois fique: até logo. (*Aperta-lhe a mão e sai*)

SCENA V

Hermogenes, só.

Este casamento deve ser a melhor escada, por onde subirei á fortuna; mas não contenta o meu coração... Não, não é Amalia quem elle deseja: apezar do seu rico dote, prefere-lhe mil vezes a orphã, sua prima, a linda Beatriz, em quem hoje se concentra o melhor dos meus pensamentos.

Não é um capricho como tantos outros, que tenho satisfeito, é paixão, violenta paixão, que cresce com os obstaculos e impedimentos, que me faz esquecer de tudo, até do character que tomei de homem virtuoso...

Não sei onde isso irá parar... O que sei é que perco de todo o sizo, quando vejo essa formosa donzella.

SCENA VI

O mesmo e D. Gertrudes

D. GERT.:—Fil-o esperar, Sr. Hermogenes. Queira desculpar-me em attenção a si mesmo.

HERM.:—Desculpa-a? V. Ex. sabe que estou sempre ás suas ordens. Mas disse: em attenção a mim? Dá licença para observar que não comprehendí bem?

D. GERT.:—Não comprehendeu? Não sabe que faltam tres dias sómente para o seu casamento?

HERM.:—Já tivera o prazer de sabel-o : tinha-m'ò dicto o meu respeitavel amigo.

D. GERT.:—Pois estive dando algumas ordens para se apressarem certos arranjos indispensaveis.

HERM.:—Como poderei agradecer a V. Ex. tantas e tão repetidas provas de sua bondade? Não as mereço, diz-me a consciencia : a Deus, á sua immensa misericordia para um misero peccador como eu, attribuo a ventura inestimavel que por mãos de V. Ex. me é enviada.

D. GERT.:—Quem vive como o senhor, meu caro Sr. Hermogenes, todas as benções deve esperar do céo. O justo é digno da felicidade neste mundo, assim como a terá no outro.

HERM.:—Oh ! minha senhora ! não me dê o que não me cabe ! Sem affectar modestia, digo-lhe que sei que não faço quanto devo : a cada momento vejo bem claramente que estou distante, bem distante das verdades que o Salvador do Mundo indicou aos que desejam seguir as suas santas vontades.

D. GERT.:—Ha poucos momentos, tive de considerar um dos muitos actos em que se assignala cada dia a pureza dos seus sentimentos, Sr. Hermogenes. E' desse objecto que daqui a pouco se vai occupar a nossa sociedade.

HERM.:—Perdôe-me V. Ex., todo o merecimento dessa boa obra lhe pertence.

D. GERT.:—Que o senhor para afastar de si qual quer motivo de louvor o diga a outros, como tem feito, poderei admittir, uma vez que é de seu gosto ; mas na intimidade não posso consentir. Se a sociedade, por proposta minha, arrancou do abysmo a infeliz Fernanda, sustentou-a no bom proposito que manifestou e a tem mantido na resolução de regenerar-se, ao seu secretario sómente, que se occulta em sua modestia, cabe a gloria deste resultado, em que tanto lucraram a religião e a moral.

HERM.:—Eu tenho sido sómente o instrumento para a execução de suas vontades, minha senhora. Se alguma cousa tenho feito, sigo o impulso que me dá o conhecimento das intenções de V. Ex., inspirada pela mais sublime das virtudes—a caridade.

D. GERT.:— A pobre Fernanda, regenerada, como já está, é, Sr. Hermogenes, feita do seu ardente amor á pratica da religião em sua santidade e pureza. E aos seus cuidados deve-se poder ella receber hoje o premio promettido por nossa Sociedade ás moças que se arrependem do peccado e nas provações da penitencia resgatam o passado e se habilitam para serem senhoras honestas e esposas exemplares.

HERM.:—Bom foi que V. Ex. tocasse neste assumpto, porque me dá occasião para me apressar a dizer lhe que, mais uma misera, que se desencaminhara, tem de ser chamada por sua vez ao gremio da virtude.

D. GERT.:—Que me diz, Sr. Hermogenes!

Quanto lhe agradeço tão feliz noticia! E quando assim porfia em bem da virtude, pretende fugir aos louvores, a que lhe dá direito o seu infatigavel zelo!

HERM.:—Depois da conferencia que tive, ha pouco, com V. Ex., me foram presentes alguns esclarecimentos que me estavam promettidos.

D. GERT.:—Se os tem comsigo, deixe os ver... Quanto antes!

HERM.:—Estão em minha casa. Como tenho de ir buscar alguns papeis concernentes ao expediente da sessão de hoje, trarei tambem esses outros.

D. GERT.:—Oh! como estou impaciente por vel-os! Ainda não são 11 horas: póde ir buscal-os... Como não se ha de demorar, trataremos, quando voltar, da eleição da mesa, que se deve realizar depois de amanhã.

HERM.:—E' preciso cuidar deste assumpto com toda a attenção, porque antolham-se algumas difficuldades á reeleição de V. Ex.

D. GERT.:—Da minha reeleição não tenho duvida; a mesa actual, se soffrer alteração, será para melhor no sentido dos meus interesses: para secretario adjuncto, o segundo dos dois cargos, que são em nossa sociedade exercidos por pessoas do sexo masculino, espero que seja eleito quem me é muito especialmente dedicado... Bem sabe quanto são valioscos os recursos de que dispomos.

HERM.:—Sei quanta influencia V. Ex. exerce no espirito das illustres consocias; mas não é inutil lembrar que ha outra candidata á Presidencia, que trabalha com muita actividade e dispõe dos votos de suas parentas, que não são poucas e de mais alguns.

D. GERT.:—Lembra bem: a sua advertencia me convence cada vez mais de quanto o senhor se des-

vela pelos interesses da Sociedade. Havemos de aplicar todas as forças para não soffrerem damno.

HERM.:—Mais tarde terei de sujeitar á apreciação de V. Ex. alguns alvitres, que me parecem seguros.

D. GERT.:—Eu desde já os tenho por excellentes. Indicados pelo senhor ! Mas não se demore... Não sabe quanto estou desejosa de ver as informações, que nos devem habilitar a arrancar uma alma ao purgatorio, e restituir á virtude mais uma transviada dos seus caminhos. Vá : fico esperando-o. (*Sai Herm.*)

SCENA VII

D. Gertrudes e Luciano

LUC.:—Seria exacto o que acabo de saber, Sra. D. Gertrudes?... Estou aturdido...

D. GERT.:—Porque, Sr. Luciano ?

LUC.:—Foi-me dito que tudo se prepara para celebrar-se de hoje a tres dias o casamento de D. Amalia com o Sr. Hermogenes... E' possivel?...

D. GERT.:—Não é só possivel, é certo. De hoje a tres dias esse homem, unico por suas virtudes, honrará nossa familia com sua alliança.

LUC.:—Pois, Sra. D. Gertrudes, consente que sua muito amada filha case com um homem, cujas antecedencias ninguem conhece, que, se parece um portento de virtudes, póde tambem ser um grande scelerado encoberto com o bioco da hypoerisia ?

D. GERT.:—Não fale assim, Sr. Luciano !

Quem é, como o senhor, dotado de tanta discrição e se ufana de se mostrar sempre justo para com todos, deve ser mais acautellado quando tiver de formar qualquer juizo a respeito de um cavalheiro adornado de predicados tão admiraveis como os que contemplo no Sr. Hermogenes.

LUC.:—Não permitta Deus que eu voluntariamente commetta uma injustiça, nem de animo deliberado offenda de qualquer maneira a quem o não merecer. As duvidas que tenho a respeito desse homem são muito bem fundadas...

D. GERT. : — Duvidas ! E quaes são os fundamentos ?

LUC.:—Ainda não posso dizel-os; mas a seu tempo hei de apresental-os. Sra. D. Gertrudes, com o direito

que me dá a minha devoção de tantos annos aos interesses de sua casa e tambem a consanguinidade que tenho com a senhora. adjuro-a a adiar este casamento.

D. GERT.:—Adiar? Porque e para que?

LUC.:—Porque não é prudente entregar a um desconhecido a mais rica, a mais formosa joia, que a senhora possui; para que colha sobre este homem esclarecimentos cabaes, que lhe deixem enxergar o que ha em seu passado e saber ao certo o que elle é presentemente.

D. GERT.:— Pois precisamos de mais esclarecimentos a respeito do Sr. Hermogenes?

Não estão todos os olhos devassando francamente o que se passa naquella alma diaphana, naquelle coração transparente?

Quem o conhece hoje precisa de informar-se do que elle tem sido? Aquelle é o justo affeito á pratica dos mais altos preceitos da moral e da religião desde que a aurora da razão surgiu em sua alma.

LUC.:—Estou pasmado ouvindo o panegyrico do novo santo!...

D. GERT.:—E eu pasmo ainda mais ouvindo a sua accusação sem provas contra um homem de bem como aquelle.

LUC.:—Por ora ainda não accusei. Mas uma vez que a Sra. D. Gertrudes se acha assim illudida, vejo-me obrigado a dizer, em termos formaes, que Hermogenes é um refinado tratante, um malvado que se esconde debaixo da mascara da virtude, um hypocrita, emfim.

D. GERT.:—Como o senhor não apresenta prova de sua temeraria accusação, tambem eu tenho o direito de lhe dizer, Sr. Luciano, que V. Mcê. se acha desvairado pela inveja.

LUC.:—Inveja de que? Do talento de crear empezas, que não tardarão a mostrar o que são? Da facilidade de fingir santidades que não estão no coração?

D. GERT.:—Não me admira o que acabo de ouvir. Seria impossivel que um homem da estofa do Sr. Hermogenes evitasse a sorte commum a todos os justos. Até era indispensavel esta perseguição á sua virtude, para se contrastear a fineza dos seus quilates.

LUC.:—Sra. D. Gertrudes, reflecta bem no que lhe digo: Hermogenes é um refinado hypocrita.

D. GERT.:—E o Sr. Luciano um invejoso sem igual.

LUC.:—Está bem. Hei de mostrar opportunamente quem eu sou, quem elle é.

D. GERT.:—Está na obrigação de o fazer, se não quizer perder o conceito que tem adquirido, se não quizer desdizer com a confiança que nos merece como amigo—*amigo* leal e parente fiel, se não quizer mular-se com a nodoa de calumniador da virtude mais pura que nos tempos actuaes se tem visto.

LUC.:—Comprometto-me a fazel-o brevemente... Não lhe peço mais o adiamento da cerimonia, Sra. D. Gertrudes... Deus me ha de ajudar a salvar-a de um grande arrependimento desmascarando um hypocrita e patenteando aos seus olhos horrorisados um monstro hedendo.

D. GERT.:—Sr. Luciano, não me contentam palavras : quero obras.

LUC.:—Juro que ha de vel-as.

CAE O PANNO

ACTO TERCEIRO

ACTO TERCEIRO

Sala em casa de Leonardo Antunes

SCENA I

D. Gertrudes e Antunes

D. GERT.: — Não tem por ventura o Sr. Hermogenes dado provas sufficientes da probidade mais pura, do mais acrisolado amor á virtude, do zelo mais escrupuloso pela observancia dos preceitos da religião ?

ANT.:—Sou o primeiro a reconhecer e confessar que ainda não vi homem mais austero na pratica da moral.

D. GERT.: — A cousa, de que elle menos cura, é do seu proprio interesse.

ANT.:—Sou testemunha de factos que o demonstram.

D. GERT.: — Seus desvelos se empregam sómente em obras uteis ao seu proximo. Caridade sem limites: é a sua empreza, é a sua divisa.

ANT.:—Quando é mister fazer o bem, não indaga se a sua philantropia vai ou não ferir as suas proprias conveniencias. Até parece que tem especial predicção para aquillo que, aproveitando a outrem, lhe póde trazer damno.

D. GERT.: — Não é este o typo do verdadeiro christão ? Não é esta a mais sublime encarnação da virtude ?

ANT.:—Tambem esta é a minha convicção.

D. GERT.: — Se esta é a sua convicção, Sr. Antunes, como fazem mozza em seu animo as desconfianças de Luciano ?

ANT.:—Não, minha amiga: as desconfianças de Luciano não fizeram moesa em meu animo. Continúa inteira e inabalavel a fé que tenho em Hermogenes, a convicção, em que me achava, de ser elle, por suas virtudes, o homem mais proprio para aditar a vida de Amalia. Mas nem por isso é menos razoavel o adiamento que Luciano lembra. Que mal haveria em esperar mais um mez ?

D. GERT.:—Nem um dia. Sabbado será celebrado o casamento. Adial-o seria uma offensa injusta e sobremaneira dolorosa a esse homem de bem.

ANT.:—Mas não faltariam pretextos plausiveis para contental-o...

D. GERT.:—E a nossa consciencia ? Não teriamos eterno remorso se abrissemos a porta a desconfianças ? Não ficaríamos sendo cúmplices da perseguição que se levanta contra o justo ?

ANT.:—Mas...

D. GERT.:—Não vê que dariamos assim razão aos inimigos do Sr. Hermogenes ? Não seria para elles já um triumpho, se vissem, pela mudança do dia, attendidas e deferidas as vociferações da calumnia ?

ANT.:—Nada se perderá com a demora; e talvez...

D. GERT.:—Talvez!... Suppõe então a probabilidade de se descobrirem senões, vicios, crimes no procedimento do Sr. Hermogenes ?

ANT.:—Oh ! minha amiga, isso não !... Deus me livre de tal pensar !

D. GERT.:—Digo-lhe que se tal cousa pensasse, seria um homem abominavel, quando eu não admitto que outros hesitem em reconhecer e apreciar os finos quilates do merecimento do Sr. Hermogenes, como não censuraria a desconfiança da parte de pessoas, que, como nós, tem lido na alma desse justo, como em um livro aberto ?

ANT.:—Minha amiga, comprehenda-me bem...

D. GERT.:—O que eu comprehendo, Sr. Antunes, é que o senhor se deixa abalar por qualquer duvida, que alguém lhe quizer suggerir, que muda de opinião ao sabor de quem caprichosa ou malignamente lhe offerecer objecções absurdas.

ANT.:—Não se agaste, minha amiga.

Assevero-lhe que não mudei de opinião a respeito de Hermogenes.

D. GERT.:—E quer dar razão aos seus calumniadores !

ANT.:—Não é esta a minha intenção...

D. GERT:—E quer que digam, ufanos e orgulhosos : «A virtude é uma illusão, porque aquelles mesmos, que mais a confessam, se conspiram conosco para hostilisa-lo ? »

ANT.:—Os seus calumniadores me terão por inimigo...

D. GERT.:—Pois, Sr. Antunes, saiba qual é definitivamente a minha vontade. O casamento de Amalia com o Sr. Hermogenes, aconselhado e promovido por mim, se ha de fazer sabbado irremissivelmente. Tomo a responsabilidade de todas as consequencias... Que mais quer ?

ANT.:—Mas, minha amiga...

GERT.: — Já lhe disse qual é a minha resolução. Quanto o senhor accrescentar será inutil...

ANT.:—Está bem, minha amiga : far-se-á a sua vontade. Vou agora á praça : até logo.

D. GERT.:— Até logo, de veras. Não faça como nos outros dias, meu amigo : volte cedo.

(*Sai Antunes*)

SCENA II

D. Gertrudes e Beatriz

BEAT.:—Minha tia, mandou chamar-mé ?

D. GERT.: — Sim, menina. Como Emilio não está em casa e eu tenho de ir presidir a sociedade, preciso é que lhe digas que eu lá o espero.

BEAT.:—Elle não ha de demorar-se.

D. GERT.: — Mas, como é possível que não volte antes de ter eu sahido, convem prevenil-o de que muito desejo apresental-o hoje ás minhas collegas. Está vago o logar de secretario adjuncto : em um dos dias proximos vai se proceder á eleição e me importa que esse cargo seja commettido á pessoa de minha inteira confiança.

BEAT.:—Emilio terá extrema satisfação em occupar-se em cousas que possam ser agradaveis a minha tia : muito lhe agradeço esta prova da confiança que V. Mcê. nelle deposita.

D. GERT.: — Emilio a merece. São assaz melindrosas as funcções, de que terá de encarregar-se. Terá de substituir em seus impedimentos o Secretario da Sociedade ; e basta dizer que o Secretario é o Sr. Her-

mogenes para dar idéa do zelo que é necessario para desempenhar semelhante tarefa.

BEAT.:—Emilio ha de fazer quanto em si couber para acompanhar, ainda que de longe, os passos do homem eminente, a quem tem de substituir.

D. GERT.: — Ainda bem, menina ! Fazes justiça ás virtudes do Sr. Hermogenes.

BEAT.:—E faço-lhe completa justiça.

D. GERT.: — Assim pensasse tua prima !

BEAT.:—Se não pensa assim, bem depressa ha de chegar ao ponto de convicção a que cheguei.

SCENA III

As mesmas e Hermogenes

HERM.:—Peço-lhe desculpa, Sra. D. Gertrudes : em vez de as trazer pessoalmente, remetti-lhe as informações sobre a nova pretendente á protecção da Sociedade.

D. GERT.: — Está desculpado, Sr. Hermogenes. Já examinei esses papeis com a devida attenção.

HERM.:—Motivo assaz grave me impediu de voltar incontinentemente á presença de V. Ex. Parece que não me detive muito.

D. GERT.:—Menos de meia hora. Não esperava que tornasse tão depressa, á vista do que me communicou em seu bilhete.

HERM.:—E o que me diz V. Ex. a respeito da pretensão ?

D. GERT.:—Merece o meu assenso.

HERM.:—Muito estimo, e beijo por isso as mãos de V. Ex.

D. GERT.:—A pretendente é digna da coadjuvação da Sociedade.

HERM.:—A infeliz errou, mas contra a sua vontade, se não se emendou immediatamente, cuidou de fazel-o, tanto que Deus N. S. lhe tocou o coração. Por seu arrependimento se tem preparado para remir as suas culpas.

D. GERT.:—Sim : manifesta firme proposito de se tornar digna do amparo da Sociedade, vivendo, segundo rezam os seus papeis, ha alguns mezes, com recato e honestidade.

HERM.:—Não parece a V. Ex. que os documentos são satisfactorios?

D. GERT.:—O mais possível. Por isso tomo a peito este negocio e tudo farei para que a pobre moça obtenha os maiores favores da Sociedade.

HERM.:—Agradeço a V. Ex. O seu caritativo coração é o refugio dos attribulados. Deus lhe dará a recompensa!

D. GERT.:—Se eu mereço recompensa, que direi do senhor, meu caro Sr. Hermogenes? Toda a gloria da boa acção que se vai praticar, exclusivamente lhe cabe.

HERM.:—Não diga tal! Busco, solicito informações como Secretario indigno que sou, da Sociedade. V. Ex. é quem as aprecia e julga: ahí está todo o merito do acto.

D. GERT.:—Os seus artificios para occultar-se, Sr. Hermogenes, não me enganam. Sei o que devo pensar a este respeito e o que devo expor á Sociedade.

HERM.:—Permitta-me lembrar a V. Ex. que a sessão tem de abrir-se ao meio dia e que faltam cinco minutos para as 11 e meia. Bom é que V. Ex. seja a primeira que hoje chegue á casa da Sociedade.

D. GERT.:—Aguardava a sua volta para partir. E o senhor não vai já?

HERM.:—Apenas me deterei alguns minutos, quantos bastem para escrever alli, no gabinete de V. Ex., algumas linhas indispensaveis á solemnidade de hoje.

D. GERT.:—Bem. Até logo. (*Herm. sai pela porta que conduz ao gabinete de D. Gertrudes*) Menina não esqueça o recado a Emilio.

BEAT. (*que durante o dialogo entre sua tia e Hermogenes tem estado a bordar*):—Não, senhora.

D. GERT.:—Adeus, menina... Corro á casa das sessões. (*Sai*)

SCENA IV

Beatriz, só

Como vive minha tia fascinada por este hypocrita! Como elle a tem enleiado nas rêdes da sua astucia! Astucia, sim, porque toda aquella santidade é fingida.

Grande maldade se esconde debaixo daquella apparencia... Sinto-me tomada de indizível terror, quando seus olhos se fitam em mim. (*Continúa a bordar*)

SCENA V

Beatriz e Hermogenes

HERM. (*depois de contemplar Beatriz com paixão á entrada e acercando-se della*):— Sempre applicada e sempre grave, minha senhora !

BEAT.:— Tenho pressa em rematar esta obrinha : destino-a para um presente.

HERM.— Ditoso quem merecer o thesouro que sai dessas bellas mãos. (*Beija-lhe a mão*)

BEAT.:— Oh ! Sr. Hermogenes ! Que significa isto ?

HERM.:— Significa, D. Beatriz, que a julgo a mais formosa entre as que são formosas... Significa que invejo a ventura de quem é digno de sua estima...

BEAT.:— Ah !

HERM.:— Significa, emfim, o profundo affecto que me tem inspirado a contemplação de suas qualidades quasi divinas.

BEAT. (*com dissimulação*):— Pois tem inveja a si proprio, Sr. Hermogenes ; porque eu muito estimo a sua pessoa e o julgo digno da sympathia geral.

HERM.:— Tenho eu, pois, a dita de merecer a sua affeição ?

BEAT. (*idem*):— E poderia o senhor duvidar, sendo adornado de tantas e tão singulares virtudes ?

HERM.:— Ah ! D. Beatriz ! quanto sou feliz ouvindo-a falar assim ! Trasmorda de jubilo o meu coração, porque vejo que a senhora não é indifferente á paixão invencível que me captiva a vontade desde o abençoado momento em que a meus olhos se apresentou a sua incomparavel belleza.

BEAT.:— E' possível, Sr. Hermogenes, que eu, misera orphã, destituida de qualidades que me recomendem á sua attenção, tenha inspirado amor ao homem eminente pela escrupulosa rectidão de sua alma, pela pureza de seus pensamentos e acções, pela sinceridade e fervor dos seus sentimentos religiosos !... Não aspirava a tanto a minha humilde ambição... Agradecida, mil vezes agradecida !

HERM.:—Amal-a, D. Beatriz, unica, exclusiva e eternamente tem sido a occupação de cada momento de minha existencia desde que a vi...

BEAT.:—Acredito, homem nobre e generoso, na sinceridade e firmeza dos seus sentimentos ; mas desejava que me explicasse como, amando-me com tantos extremos, se tem compromettido a casar-se com minha prima.

HERM.:—Sim, estou compromettido a casar-me com D. Amalia ; mas saiba que a minha promessa vale apenas uma prova de condescendencia ás solicitações indirectas, mas, nem por isso, menos vehementes, que me tem feito o Sr. Antunes e D. Gertrudes para eu honrar a sua familia com a minha alliança. Não só não amo sua prima, como antipathiso com ella. Esta é a verdade.

BEAT.:—Mas Amalia é tão formosa, é tão meiga, possui tão preciosas qualidades concedidas pela natureza e desenvolvidas pela educação que me parece impossivel, Sr. Hermogenes, vel-a sem adoral-a.

HERM.:—Seria impossivel, se a senhora não estivesse a seu lado. Em presença do sol desmaiam e desaparecem as estrellas.

BEAT.:—Cega-o a prevenção e o torna injusto : peço-lhe permissão para dizer-lh'o.

HERM.:—Dou-lhe sómente a expressão do que sente minha alma. Viver para D. Beatriz, morrer por ella, é a minha unica ambição...

BEAT.—Mas, se o senhor se casa com Amalia...

HERM.:—Não, não me casarei com ella, D. Beatriz, se a senhora aceitar o meu amor, se corresponder ao meu amor com igual ternura...

BEAT.:—E como ha de o senhor romper os compromissos que tem com meus tios ?

HERM.:—Que me importam compromissos, quando obedeço aos impulsos do meu coração ?

BEAT.—E por isso não se resentirão meus tios contra o senhor ?

HERM.:—Para possuil-a arriscarei a tudo com satisfação.

BEAT.:—Porém, não hão de consentir que o senhor se case commigo...

HERM.:—Fugiremos para longe daqui.

BEAT.:—Que idéa ficará o mundo fazendo dos seus principios austeros, de sua moral sem mancha, de sua religiosidade nunca vista ?

HERM.:—O amor feliz compensará tudo. Gosando eu, do seu conceito, D. Beatriz, pouco, nenhum valor terá para mim a opinião do mundo.

BEAT.:—Mas então dirá o mundo que o Sr. Hermogenes o tem illudido fingindo virtudes que não possue.

HERM.:—Ha virtude mais pura do que a minha paixão? Ha religião mais santa do que o meu amor?

BEAT.:—Eu teria gloria em inspirar sentimentos tão poderosos, se a mim mesma não fizesse esta pergunta: o que fica sendo o Sr. Hermogenes, perdida a mascara de virtude que lhe cobre a face? Se eu o estimava, quando o senhor ouvia missa todos os dias, frequentava o confessorio, distribuia esmolas e pregava a moral mais austera, posso deixar de abominal-o quando reconheço, por sua propria declaração, que o senhor é um refinado hypocrita?

HERM.:—Mas não vê, D. Beatriz, que o amor que lhe tenho, produz a transformação que estranha? A franqueza, com que lhe deixo devassar os mais intimos refolhos do meu coração, não prova que para amal-a e merecel-a nenhum sacrificio me repugna?

BEAT.:—Estou vendo e apreciando tudo isso. Mas se fugir com o senhor, como me aconselha, não sentirá minha consciencia eterno remorso? Poderá Deus abençoar um casamento que offende tantos principios sagrados?

HERM.:—Nada de escrupulos, D. Beatriz. O amor tranquillizará a sua consciencia, e, sendo nós contentes, teremos a melhor prova de que Deus abençoá a nossa união.

BEAT.:—Não, Sr. Hermogenes, reflectindo bem, não me resolvo a dar este passo.

HERM.:—Quer então reduzir-me á desesperação? Se não fôr minha, D. Beatriz, serei capaz de um crime, por espantoso que pareça... Oh! tem-me a seus pés... Seja compassiva!... (*Ajoelha e trava-lhe das mãos, que Beatriz forceja para retirar*).

SCENA VI

Os mesmos e Emilio

EMIL. (*da porta que dá para a rua*):—Muito bem, Sr. Hermogenes! E' assim que os homens de vida

santa, os typos de probidade, os modelos de virtude e piedade dão lições de moral ás meninas e donzellas?

HERM. (*que ás primeiras palavras se levantara enleado*):—Ah!

BEAT. (*correndo para Emilio*):— Meu irmão, como vens a tempo ! O hypocrita revelou-se em toda a sua torpeza !

EMIL.:—E o que te pedia elle com tanta insistencia, com tamanho fervor, em postura tão humilde ?

BEAT.:—Propunha-me a cousa mais simples do mundo lá em sua opinião...

EMIL.—Simples !

BEAT.:—Sim. Que fugisse com elle.

EMIL.:—Bravo ! Então, santo homem, não te bastava casar com uma, querias tambem a outra para...

HERM.:—Sr. Dr. Emilio, as apparencias são contra mim, mas a verdade é muito differente do que lhe acaba de dizer esta menina.

BEAT.:—Ousa negar ?

EMIL.:—Ouçamos a explicação. Ha de ser singular !

HERM.:—Eu aconselhava á sua respeitavel irmã, Sr. Dr. Emilio, que fugisse, não para cevar paixões ruins, não para se desviar das sendas da virtude, mas para se aperfeiçoar na pratica dos sublimes preceitos que nos deixou, em seu Evangelho, o Salvador do Mundo. Pedia-lhe que fugisse para accrescentar ainda mais a pureza de sua alma, para servir algum dia de espelho e doutrina viva ás donzellas christãs.

EMIL.:—Fugindo com o senhor !

HERM.:—Supplicava-lhe, senhor doutor, de mãos postas, curvado a seus pés, com as lagrimas nos olhos, que fugisse do mundo e dassuas ciladas e se acolhesse a um desses asylos sagrados, onde na contemplação de Deus, na adoração do seu Verbo, a alma de uma pessoa como a Sra. D. Beatriz, adornada já de tão felizes disposições, elevando-se ainda mais, se acrisola e santifica.

BEAT.:—O hypocrita está mentindo, meu irmão. Homem perverso, negas que me aconselhavas a infamia ?

HERM.:—Eu ! Fico attonito ouvindo-lhe estas palavras, minha menina ! Eu só lhe aconselhava o bem, só queria a sua salvação. E são assim, oh meu Deus, desfiguradas as minhas boas intenções ! (*Chora*). Tenho-me resignado a padecer todas as tribulações, que o mundo queira enviar-me ; acostumei-me já a ver calunniados os meus melhores intentos, a ser ultrajado

quando mais me esmero em me afastar do peccado e do vicio ; não esperava, porém, que uma donzella, em que as propensões virtuosas sobressahiam com tão suave esplendor, concorresse tambem para a perseguição que contra os justos se levanta !... Faça-se, meu Deus, a vossa vontade ! Seja tudo pelo amor de meu Senhor Jesus Christo !

BEAT.:—Eis ahi, mano, como este hypocrita tem enleiado em seus laços a boa fé de nossos tios ! E te admiravas de que elle tanto houvesse conseguido !

EMIL.:—Em verdade não sei como devo pensar... Vi-o, a teus pés, como faria homem cego pela paixão mais violenta. Tu o accusas: devo crer-te. Mas este homem explica por tal maneira o que viram meus olhos, que hesito..

BEAT.:—Hesitas em crer na verdade do que te disse, Emilio ! Grave offensa me fazes !... O hypocrita está mentindo mais uma vez...

EMIL.:—Mana, indago, desejo ficar bem certo da verdade para saber como devo proceder nesta conjunctura delicada. Dize-me como o caso se passou...

BEAT.:—Ha muitos dias, Emilio, sinto-me tomada de instinctivo terror todas as vezes que este homem dirigia os seus olhos para mim... Não explicava, não comprehendia essa repugnancia sinão pelo odio que me tem merecido a hypocrisia, que tenho notado em tudo quanto diz e faz...

HERM.:—E no emtanto eu nas minhas orações tenho dirigido a Deus Nosso Senhor ferventes supplicas para sua felicidade, para sua salvação, minha menina !

BEAT.:—O hypocrita ! Achando-me, ha pouco, aqui só, porque minha tia sahiu, fez-me uma declaração, cuja indignidade eu de principio não entendia. As suas palavras, porém, não me deixaram duvida. Vi que era chegada a occasião de desmascaral-o : fingi-me sensivel ao que me dizia... Consegui o que desejava : o santo homem deixou bem patente o que eu suspeitava. Jurou que a mim unicamente amava, que aborrecia Amalia, que Deus pouco lhe importava, que a virtude é uma patranha e a consciencia uma ficção. Ultimamente quando entraste, meu irmão, instava commigo, como viste, para que, acompanhando-o, fugisse da casa de meus tios.

HERM.:—Oh ! minha filha ! não aggrave a má acção que começou a fazer !... Não queira persuadir de uma falsidade a seu honrado irmão... Meu caro senhor doutor, forme de mim o juizo que lhe parecer ;

para arrostar as perseguições tenho por mim Deus Nosso Senhor e a minha consciencia. A propria consciencia de sua irmã está protestando contra estas palavras que acaba de proferir.

BEAT.:—Emilio, não dê ouvidos a este hypocrita : quer embair-te, como tem embaido aos nossos tios.

HERM.:—Tenho-lhe dito a verdade, senhor doutor. Levado pelo zelo de salvação do meu proximo, falava a D. Beatriz, com todo o fervor da convicção, do meio mais conveniente para sublimar a pureza da sua alma.. Supplicava-lhe, com a fé que inspira o amor ao nosso Divino Salvador, que no claustro, entre as Virgens do Senhor, fosse occupar o logar destinado aos predicamentos de sua pessoa, de que o mundo não era merecedor. Este proceder devia ser occasião para tão cruel calumnia? Pelo amor de Deus perdão esta e quantas offensas me fizeram!

BEAT.:—Emilio! Que quer dizer o teu silencio! Vejo no teu rosto que acreditas o que diz o hypocrita. Duvidas de mim, meu irmão? Calas-te!... Julgas-me uma aleivosa e a elle um justo! Ah! (*Chora*).

HERM.:—Senhor doutor, permitta agora que me retire. Tenho-me demorado de mais.

Vou a toda a pressa para a Sociedade, onde a Sra. D. Gertrudes me está esperando. (*Encaminha-se para a porta que dá para a rua*).

EMIL.:—Meu Deus! quem dissipará as minhas duvidas?...

SCENA VII

Os mesmos e Luciano

LUC. (*Sahindo de um gabinete lateral*):—Eu!

TODOS:—O Sr. Luciano!

LUC.:—Escondi-me alli, quando sua tia sahiu. Suspeitava as damnadas intenções deste homem contra D. Beatriz: ouvi quanto me era preciso para ter certeza. Emilio, sua irmã disse-lhe a pura verdade.

HERM. (*apressando-se em direitura á sahida*):—Juro-lhe que é mais um aleive.

EMIL. (*correndo para elle e agarrando-o pelo pescoço*):—Malvado! não ficarás impune!

ACTO QUARTO

ACTO QUARTO

Sala em casa de Leonardo Antunes.

SCENA I

D. Gertrudes e Antunes

D. GERT.:— Imperdoavel atrevimento! Faltar-nos ao respeito de uma maneira tão odiosa! E' uma insolencia que deve ser punida com todo o rigor.

ANT.:— Ingrato! Quando acabava de protestar-me eterno agradecimento, animou-se a commetter em nossa propria casa esse grave desacato á nossa autoridade!

D. GERT.:— Antes nunca tivesse voltado... Foi então estudar para espadachim! Fez mãos para offender um homem como o Sr. Hermogenes, tão inoffensivo, tão attencioso, tão digno por todos os titulos da estima nossa e do respeito de todos!

ANT.:— E a culpa ainda mais grave se torna pelo motivo. Bem longe de agastar-se contra Hermogenes, devia esse moço estouvado mostrar-se-lhe agradecido.

D. GERT.:— O que pareceu um acto reprovavel, foi simplesmente a mais admiravel applicação dos sublimes principios, que constituem as crenças desse homem eminentemente catholico e virtuoso. Em seu zelo pela pureza dos corações aconselhava a uma donzella christã que no retiro do claustro se acolhesse das tempestades do mundo e buscasse a trioga contra a peçonha das paixões.

ANT.:— Rasgo sublime, meditado e preparado no segredo daquelle coração angelico!

D. GERT.:—Não é verdade que ahí se patenteia a singular piedade daquella alma fortalecida pela pratica do bem, pelos exercicios da moral mais austera?

ANT.:—Era occasião para se lhe pagar o tributo devido ás suas virtudes... Mas pelo contrario...

D. GERT.:—Pois quando ellas se achavam em acção, quando o homem justo, no seu enthusiasmo, supplicava de joelhos e com as lagrimas nos olhos á menina, por cuja salvaçãõ se desvelava, o Sr. Emilio, induzido por malignas suggestões, teve o arrojo de pô-lhe mãos violentas!

ANT.:—Levantando-lhe o mais infame aleive, que a mentira poderia inventar para calumniar um homem de bem!

D. GERT.:—Quem diria, Sr. Antunes, que os meninos que criamos com tanto amor, que nos eram tão sujeitos e obedientes, que mostravam tão bellas disposições para o bem, se haviam de converter, de repente, em creaturas dignas de odio e abominação! Beatriz sobre tudo!

ANT.:—Beatriz, sim, porque foi ella quem forjou a mentira atroz, tão desmarcada, que ninguem lhe poderia dar credito; foi ella quem accusou Hermogenes de tentar seduzil a, de não estimar Amalia... Oh! quanto cega o odio!

D. GERT.:—E note, que nessa espantosa calumnia se revela uma depravaçãõ de alma, de que parecia impossivel que fosse capaz aquella menina. Ella, que inventou essa torpeza, tinha certamente dado entrada em sua alma a idéas torpes... Não foi assim, que essa mulher impura, de quem nos fala a Escriptura Sagrada, accusou o casto José, de ter attentado contra o seu pudor?

ANT.:—Mas não lhe parece, minha amiga, que Emilio e Beatriz não se houveram dessa maneira por sua propria conta?

D. GERT.:—Certamente assim foi.

ANT.:—E quem dirige essa infernal conjuraçãõ?

D. GERT.:—Ainda pergunta! A olhos vistos é Luciano.

ANT.:—Luciano! Seria possivel!

D. GERTE.:—Ainda duvida! Quando não tivesse havido o que entre mim e elle se passou a respeito de Hermogenes, bastava a intervençãõ do seu testemunho contra o homem justo para convencer de que a trama é urdida por suas mãos. Se elle não tivesse corroborado a calumnia levantada por Beatriz, Emilio se abalancaria a tamanha ousadia?

ANT.:—Tem sobeja razão, minha amiga. Tudo demonstra que, entre os tres, ha concerto para desconceituarem e offenderem Hermogenes.

D. GERT.:—Mas não é verdade que perdem o seu tempo, meu amigo?

ANT.:—Elles e quantos formem igual intento acham-nos apercebidos contra as suggestões do odio e da inveja.

D. GERT.:—Mas não basta. Devemos mostrar, pela maneira mais clara quanto possivel, que abominamos esses planos da perversidade. Principiemos usando de severidade para com os dois culpados.

ANT.:—E como lhes faremos sentir o nosso resentimento?

D. GERTR.:—Não permitta Deus que lhes causemos damno algum pessoal!

ANT.:—Sim, minha amiga. Por gastos que estejam os laços de affeição, que nos prendiam a esses moços, não esqueçamos que a seus pais promettemos servir-lhes de amparo.

D. GERT.:—Mas temos cumprido com a nossa promessa: estão educados, e Emilio já se acha habilitado para viver de seu trabalho e sustentar sua irmã. Retirem-se, pois, de nossa casa: punimol-os rompendo todas as relações com elles.

ANT.:—E' na verdade severa a punição. Muito hão de sentil-a.

D. GERT.:—Mas bem a mereceram.

SCENA II

Os mesmos e Luciano

LUC.:—Muito estimo encontral-os aqui.

D. GERT.:—Muito estimamos tambem que chegasse neste momento.

LUC.:—Venho referir-lhes o que ha pouco succedeu nesta mesma sala, presenciado por mim.

D. GERT.:—E' escusado esse trabalho, Sr. Luciano. Sabemos de tudo e já assentamos o que é preciso fazer na presente occasião.

LUC.:—Reconhecem, finalmente, a verdade: estão dissipadas as duvidas. Ficaram convencidos de que Hermogenes é...

D. GERT.:—A victima da mais infame calumnia que a inveja poderia forjar.

LUC.:—Que ouço !... A senhora sabe de tudo, e o procedimento desse hypocrita....

D. GERT.:—E' uma falsidade torpissima inventada por Beatriz e seu irmão...

ANT.:—E patrocinada pelo senhor.

LUC.:—E' incrível! Podem conservar-se ainda na triste illusão, em que estavam, depois de ter esse perverso deixado cahir a sua mascara ?

D. GERT.:—Mascara trazem certos homens como o senhor não ignora, que, fingindo zelo pela moral, vivem a cogitar meios de tisonar com a calunnia a candidez da mais pura virtude.

LUC.:—Minha senhora, nunca esperei ouvir palavras como essas. Mas esqueço-as ; porque acima de tudo está o proposito que formei de livrar de um grande erro, que será uma grande desgraça, pessoas a quem tanto amo e a quem tanto devo.

D. GERT.:—Isto é repetição do que ha poucas horas, o senhor me disse. Mas respondo-lhe que, se as provas, com que ameaçou ao Sr. Hermogenes, são como essa ridicula e odiosa tramoia, em vez de lhe causar mal, cada vez apuram mais, em nosso conceito, o quilate das virtudes que adornam esse cavalheiro.

LUC.:—Mas, Sra. D. Gertrudes, não sabe que esse homem propunha á sua sobrinha, quasi sua filha pela criação e pelo amor, que fugisse desta casa com elle, porque ama-a e muito lhe repugna casar-se com Dona Amalia ?

ANT.:—Eis ahi a calunnia !

D. GERT.—E o senhor acreditou que isso fosse verdade ?

LUC.:—Juro-lhes que é verdade. Eu proprio ouvi as palavras do hypocrita. Nunca menti.

D. GERT.:—Quando o odio e a inveja captivam o coração de uma pessoa, por nobre e justo que seja o seu character, fazem-lhe ver e ouvir cousas que ninguem pratica ou diz.

LUC.:—Vi, Sra. D. Gertrudes, Hermogenes lançar-se aos pés de D. Beatriz, e travando-lhe das mãos instar que assentisse á sua indigna proposta...

D. GERT.:—Acredito que visse o Sr. Hermogenes ajoelhado a instar e a supplicar ; mas a sua proposta era propria daquella virtude sem mancha, era sublime !

LUC.:—Era sublime ! Qualifica assim a mais grave offensa, que a perversidade desse miseravel apparelhava á sua familia, Sra. D. Gertrudes !

D. GERT.:—Era sublime, repito. O Sr. Hermogenes pedia, supplicava com encarecimento e fervor a Beatriz que fugisse das perigosas seducções do mundo e, acolhendo-se á soledade do claustro, consagrasse a Deus perpetuamente a pureza da sua alma e do seu corpo. Podem labios humanos formar proposta mais sublime?

LUC.:—E quem disse que assim foi?

D. GERT.:—Quem? Singular pergunta! O Sr. Hermogenes. Nem eu precisava de estranhos testemunhos.

ANT.:—Certamente. Bastava que elle asseverasse para que deixasse de ser verdade a asserção contraria.

LUC.:—E' impossivel imaginar uma cegueira igual! A' luz do sol vagueiam nas trevas...

D. GERT.:—Estamos inteirados de tudo, Sr. Luciano. O Sr. Hermogenes é o alvo a que atira a inveja as suas mais hervadas settas; mas a Mão do Altissimo, que não desampara a virtude, as desponta e converte em flores de que se tem de tecer a corôa destinada ao justo, combatido, mas não vencido.

ANT.:—Commetteram uma violencia contra a sua pessoa; mas justiça, ha de ser feita, e o aggressor desalmado...

D. GERT.:—De hoje em diante deixa de pertencer á nossa familia.

LUC.:—Emilio que pugnou pela honra de sua irmã ultrajada pelo hypocrita, terá de ser punido!

D. GERT.:—Se é punição retirar-se desta casa com sua irmã...

LUC.:—E assim têm de ser sacrificados esses meninos, que Vcês. criaram como filhos, em holocausto ao infame: um, porque não assentiu aos seus torpes intentos, o outro, porque o esbofeteou como elle merecia!

ANT.:—Sr. Luciano, peço-lhe que não insista neste assumpto...

LUC.:—E' para mim dever sagrado perseguir e desmascarar o scelerado, em quem vejo uma grande calamidade para sua familia.

ANT.:—Cansa-se em vão. A virtude de Hermogenes está firmada em alicerces tão solidos, que não a abalarão os seus assaltos ou quaesquer outros, ainda mais poderosos.

D. GERT.:—Já lh'o disse, Sr. Luciano. A sua pertinacia nos vai gastando o soffrimento.

LUC.:—Desagrada-lhe a constancia do meu proposito? Sinto; mas hei de perseverar nelle até conseguir salvar-os do perigo a que os arrasta a sua demasiada credulidade.

D. GERT.:—Já é demais... O seu proceder, Sr. Luciano, não nos desagrada sómente; é para nós uma offensa pessoal. Quanto fizer em damno do Sr. Hermogenes é hostilidade directa a nós mesmo. Quererá, Sr. Luciano, declarar-se inimigo nosso?

LUC.:—Nunca. Perderia mil vidas, se as tivesse, primeiro que deixasse formar-se em minha alma um pensamento offensivo a Vcês. E', portanto, impossivel que eu venha a ser inimigo seu em qualquer circumstancia.

D. GERT.:—Tomamos estas suas palavras como promessa de que vão cessar os seus commettimentos contra o Sr. Hermogenes...

LUC.:—Não, Sra. D. Gertrudes. Se eu tal promessa fizesse, me nivelaria com elle, seria então cruel inimigo de sua casa.

ANT.:—Sr. Luciano, esse rancor contra Hermogenes...

LUC.:—E' a melhor prova de minha devoção ao Sr. Leonardo Antunes.

D. GERT.:—Será a prova de que desestima a nossa amizade.

ANT.:—E então...

LUC.:—Compreendo até onde vai ter e poupo-lhe o trabalho de o dizer. De hoje em diante, Sr. Antunes, deixo de ser o guarda-livros e o gerente da sua casa; mas, por isso mesmo, a minha amizade ao senhor e á sua familia sobe de ponto. Fico, com toda a liberdade, para lhe prestar o serviço a que me obriga a minha consciencia.

D. GERT.:—Mas, Sr. Luciano...

LUC.:—A senhora sabe que não mudo de parecer com facilidade, porque nunca tomo uma resolução levemente. Para o passo que acabo de dar, já estava apercebido.

ANT.:—Pois bem! Já que é de seu gosto, fique no seu novo proposito. Mas, saiba que bem o sentimos.

LUC.:—Volto ao escriptorio. Assim é preciso para pôr o remate ao desempenho de minhas obrigações.
(Sai)

SCENA III

Os mesmos e Hermogenes

HERM.:—Desempenhei a ordem que, ha pouco, me deu, Sra. D. Gertrudes. Fui ter com a sua nova protegida, participei-lhe a bondade, com que V. Exa. aceitando as informações que sujeitei á sua discreta apreciação, a recommendou á benevolencia da Sociedade, a deliberação que se tomou a respeito della, e o desejo que manifestou de vel-a. Não tardará a vir beijar-lhe as mãos.

D. GERT.:—Muito lh'o agradeço, Sr. Hermogenes. Não ha obstaculo que o empeça no exercicio das obrigações que lhe creou o seu incomparavel zelo pela virtude, pela regeneração dos peccadores. A sua recompensa, o galardão devido ao justo, Deus lhe ha de dar.

ANT.:—Deus, sim, porque dos homens só tem de esperar ingratitude e injustiça. Entretanto, o senhor tem por si a sua consciencia de homem honrado.

D. GERT.:—A protecção do céo nunca lhe ha de faltar. Aos servos de Deus é quanto basta.

HERM.:—Sim, Sr. Antunes, as offensas dos homens e as injurias do mundo não me causam abalo. Tenho o pensamento naquelle que vê no recesso de todos os corações. Peço-lhe que me illumine com a sua graça e me dê força para vencer as minhas proprias fraquezas. São estes os unicos inimigos de que me receio. Os outros não me trazem medo, nem torvação. Resigno-me aos seus commettimentos e lhes perdôo.

D. GERT. (*com enternecimento*):—E este é, ó meu Deus, o homem que a voz da calumnia ousa difamar! E este é o homem que ainda ha pouco, foi desacatado por mãos insolentes! Como permittis que os mãos possam cevar a perversidade dos seus corações em damno dos vossos justos!

HERM.:—Perdôe-me, Sra. D. Gertrudes, não fale assim. Sou simplesmente um miseravel peccador: todos os trabalhos deste mundo que me sobrevenham, não serão mais do que a expiação dos meus grandes peccados. A todas as tribulações curvo resignado a cabeça, e, na humildade do meu coração, acho que é ainda menos do que mereço.

D. GERT.:—Admiro esta linguagem santa, espanta-me essa angelica bondade. O triste aconteci-

mento, que deploro e sinto, acaba de patentear toda a sublimidade e pureza de sua alma. Mas, Sr. Hermogenes, os culpados hão de sentir os effeitos de sua imperdoavel maldade.

HERM.:—Que diz, minha senhora? Faça-me o favor de explicar-se.

D. GERT.:—O seu desalmado aggressor e sua refalsada cumplice sahirão daqui, e aquelle, que por seus malignos conselhos os transviou do caminho do dever, não continuará a ter ingerencia nos negocios desta casa.

ANT.:—Sim, Luciano deixou de ser meu guarda-livros.

HERM.:—Que fizeram! E' possivel que tivessem a crueldade de repellir de sua sombra esse excellente mancebo e sua digna irmã! O Sr. Dr. Emilio foi illudido por uma apparencia; a sua demasia está desculpada pela causa que o moveu: cedeu aos impulsos do seu brio. A Sra. D. Beatriz não me comprehendeu: dahi veio a accusação que contra mim articulou... Ah! Sra. D. Gertrudes! a culpa foi tão leve que já está perdoada e esquecida. Para que tão desmedido castigo? (*Chora*). E o Sr. Luciano, esse espelho dos homens de bem? Onde achará o meu honrado amigo outro que o substitua na direcção dos negocios de sua casa?... Não permita Deus que eu consinta em actos de tão desmarcada severidade!

ANT.:—Meu Deus! quem viu nunca uma virtude igual!

D. GERT.:—Estou attonita, Sr. Hermogenes! E' incrivel que haja sobre a terra quem proceda como o senhor! Padecer o que tem padecido e não só não querer vingar-se dos seus crueis e desleaes inimigos e perseguidores, não só perdoar-lhes, mas até implorar compaixão a favor delles e fazer o seu elogio! Exemplo de tanta e tão sublime bondade deu-nos sómente o Salvador do mundo. Só o senhor é digno de comprehendel-o, pois que o sabe imitar.

HERM.:—Não mereço estes louvores, minha senhora. Sou um misero peccador coberto de maculas, precisado da misericordia infinita de Deus Nosso Senhor. Mas se V. Exa. e o Sr. Antunes me têm por digno de sua attenção, peço-lhes, pelo amor d'Aquelle que algum dia nos ha de julgar, que sejam compassivos com os que erram, movidos por momentanea hallucinação... Perdão, Sra. D. Gertrudes! perdão, Sr. Antunes, para essas pessoas que têm tanto direito á sua estima, á estima de todos!

D. GERT.:—Não, Sr. Hermogenes, não podemos attender ao seu pedido. Se o fizéssemos, nos tornaríamos cúmplices desses que deram, ha pouco, mostras de perversidade sem igual. Crimes ha que sobre a terra nunca alcançaião perdão... Póde o senhor, possuido de inimitaveis sentimentos, perdoar aos que o offenderam : eu, porém, não me acho com forças, e não as peço a Deus, para imitar neste ponto a sua rara virtude. Será este o unico assumpto em que seus desejos não serão satisfeitos.

ANT.:—Diz muito bem, minha amiga.

Ha de me ter por companheiro, quando fôr preciso reprimir os máos e repellir as suas aggressões contra os justos.

HERM. (*com as lagrimas nos olhos*):—Pelo amor de Deus Nosso Senhor não me dêem tamanho desgosto!

SCENA IV

Os mesmos e um criado

O CR.:—Uma senhora pede licença para falar á minha senhora.

D. GERT.:—Manda entrar (*Sai o cr.*) Será a nossa nova protegida?

HERM.:—E' bem possivel que seja. Prometteu não demorar se.

SCENA V

Os mesmos e Alexandrina

ALEXANDRINA:—Aqui venho, minha senhora, agradecer o grande favor que acabo de receber de V. Ex. Por sua immensa bondade se dignou attender ás supplicas que dirigi á Sociedade que V. Ex. tão dignamente preside. O arrimo, que me deparou Deus na sua compaixão, minha senhora, vem dar nova força á resolução que felizmente abracei. (*Trava das mãos de D. Gertrudes e as beija*).

D. GERT.:—Minha filha, a mim não tem que agradecer. Sou simplesmente o órgão da sociedade: cumpri o meu dever apresentando-lhe a sua supplica

e concorrendo para que os seus soccorros lhe sejam prestados. Depois de Deus que lhe tocou o coração e lhe inspirou o bom proposito que tem mostrado, de entrar nas veredas da virtude, quem tem direito ao seu agradecimento é o Sr. Hermogenes, secretario da sociedade, que procurou e reuniu as informações relativas ao seu procedimento.

ALEX.:—Sei quanto devo, minha senhora, á bondade do Sr. Hermogenes : a este bom senhor devo, em grande parte a constancia, com que tenho permanecido nas idéas de arrependimento. (*Hermogenes faz um movimento*).

Mas não desejo offender a modestia de S. S. Ao mesmo tempo estou certa de que, se S. Exa, não se apiedasse de mihas circumstancias e não me amparasse com a sua protecção, eu não alcançaria o favor e os soccorros da sociedade que me são assegurados pela sua deliberação de hoje. Poderei nunca manifestar como devo quanto sou agradecida á V. Ex.

D. GERT.:—O principal para a Sociedade, minha filha, não é o seu agradecimento. A Sociedade faz o bem sómente com os olhos em Deus. O que ella deseja é a regeneração das pobres moças, arrastadas pela fatalidade ao mau caminho. O que ella quer é a completa conversão dessas miseras, é coadjuval-as na meritória empreza de serem algum dia uteis a si e á sociedade, recuperando a estima do mundo e, o que mais importa, a estima de sua consciencia. Praza a Deus, minha filha, que a senhora chegue a este ponto e mereça uma manifestação de apreço igual á que hoje a Sociedade deu com toda a solemnidade !

ALEX.:—Ha um anno, minha senhora, comecei a tarefa, em que me acho empenhada, e em que cada dia prosigo com mais fervor ; porque cada dia o passado mais horror me inspira, parecendo-me que a mão misericordiosa de Deus me arrancou de um abysmo e me poz a salvamento. Voltar atraz será impossivel... Mil vezes antes a morte do que essa miseria sem nome !

D. GERT.: --Quanto me alegra ouvir-lhe estas palavras, minha filha !

ALEX.:—A Sociedade, minha senhora, não se hade arrepender do bem que me vai fazer.

D. GERT.:—Assim o esperamos com a protecção divina.

ALEX.:—Se até agora tenho sido inabalavel no meu proposito, muito mais o serei daqui em diante amparada por Deus e por V. Ex. E sem vaidade posso assegurar-lhe que aquella, a quem a Sociedade con-

feriu hoje um premio, hade ter em mira uma compa-
nheira. Espero da bondade divina que me dê forças
para tanto.

ANT :— Quem não animará tão bons sentimentos ?
Eu de bom grado me offereço para coadjuval-os por
todos os meios a meu alcance. E assim, se para a sua
decente subsistencia não bastarem os soccorros que
presta a Sociedade, a senhora poderá francamente de-
clarar o á D. Gertrudes. Será immediatamente atten-
dida.

ALEX. :— Não, meu senhor, não será preciso re-
correr á sua generosidade ; mas fico-lhe muito agra-
decida. O soccorro mensal que me foi promettido por
parte da Sociedade, é mais que sufficiente para minha
subsistencia. Para quem vive na penitencia são objecto
de horror as vaidades do mundo e as suas pompas.

D. GERT. :— Deus a acompanhe e abençõe em
seus intentos, minha filha ! O amparo da Sociedade
já lhe está dado, desvelos meus lhe não hão de faltar,
porque heide buscar com frequencia noticias suas.

ALEX. :— Agora, minha senhora, só me resta re-
petir á V. Ex. que enquanto eu viva fôr, será per-
petua em minha alma a lembrança dos seus benefi-
cios, da generosidade, com que estendeu a sua mão á
misera peccadora para ajudal-a a conseguir a sua re-
dempção. (*Beija as mãos de D. Gertrudes e retira-se.*)

SCENA VI

Os mesmos e um criado

O CR. :— Esta carta para o Sr. Hermogenes.

HERM. (*recebendo a carta e olhando para lo sub-
scripto*):— Sei de quem é... (*O cr. sai*). E' negocio
que exige pressa : peço-lhes permissão para me re-
tirar.

D. GERT. :— Com tanto que volte sem muita de-
mora. Tem uma hora para ir e vir, Sr. Hermogenes.

HERM. :— E' quanto basta. Antes das 4 horas es-
tarei na presença de V. Ex.

D. GERT. :— Reclama-o o serviço urgente da
Sociedade.

ACTO QUINTO

ACTO QUINTO

Sala em casa de Leonardo Antunes.

SCENA I

D. Gertrudes e Hermogenes

D. GERT. : — Abraço o seu conselho, Snr. Hermogenes. Dirigiarei uma circular ás minhas collegas enumerando os serviços que tenho prestado á Sociedade no anno que finda de hoje a dois dias.

HERM. : — E mostrando principalmente que está habilitada para prestar muito maiores no anno vindouro, á vista dos planos e esperançosos planos que estão engenhados e dos poderosos e infalliveis meios que tem á mão. Porém não basta : mais alguma cousa é mister.

D. GERT. : — Qual ?

HERM. : — Da eleição effectuar-se em assemblea geral, cuja sessão começará ao meio dia em ponto. Depois de haver falado ao entendimento das dignas consocias narrando e provando na circular, convém empregar um ardil de guerra que não falha.

D. GERT. : — Estou prompta a envidar todos os esforços para o triumpho da minha candidatura. A reeleição é para mim questão de vida e morte.

HERM. : — Convide V. Ex., no dia da eleição, as suas collegas para um almoço que deverá ser servido ás 10 e meia da manhan. Nessa occasião lhes dirigirá uma allocução como as que V. Ex. sabe fazer, e no remate lhes pedirá que aceitem as cedulas que vou preparar em papel de cor especial, dobradas de um modo particular e marcadas com o seu sinete.

D. GERT. : — E' feliz a lembrança : aceito-a com satisfação.

HERM. : — Desta maneira contraminará V. Ex. os artificios que já tem empregado D. Escolastica ; porque não é crível que as suas dignas collegas, obsequiadas por V. Ex., lhe recusem em sua casa este favor, estando, como já estão, prevenidas por mim de sua pretensão.

D. GERT. : — Penso na verdade que assim D. Escolastica hade ser infallivelmente derrotada.

HERM. : — Ainda mais, Sra. D. Gertrudes : depois de ter mostrado no passado a sua excellente administração, depois de lhes dar no presente as delicias gastronomicas, prenda-as no futuro por uma promessa.

D. GERT. : — Que lhes prometterei eu ?

HERM. : — Em eleições é um dos meios mais poderosos. Prometta-lhes um baile em honra de sua eleição.

D. GERT. : — Mas assim as despesas tomarão uma proporção desmedida ; e não sei, afinal, se o Sr. Antunes se cansará de ser condescendente.

HERM. : — Não tenha V. Ex. receio. E, depois, bem sabe que o cumprimento de uma promessa que não tem dia determinado, póde adiar-se sem que para isso fique em falta. Tem adiante de si o intervallo de um anno inteiro. Não observa como praticam os politicos mais serios, os estadistas mas graves ? Por ventura soffrem por isso alguma quebra no conceito publico ?

D. GERT. : — Tenho escrupulos em faltar a uma promessa.

HERM. : — Não permitta Deus que eu lhe aconselhe a violação de sua palavra ; mas fique V. Ex. certa de que ter escrupulos em eleições é correr o risco de uma derrota formidavel.

Em semelhante materia é axioma, cuja evidencia está universalmente proclamada,—que sómente desvaira não triumphar. Neste assumpto o fim justifica os meios : n'este sómente, em minha opinião.

D. GERT. : — Não tenho mais objecções a oppôr-lhe, Snr. Hermogenes. Seguirei á risca os seus conselhos.

HERM. : — Muito estimo que fique convencida. Encarrego-me de quanto é necessario para o bom exito dos seus intentos.

Vou começar desde já pela circular.

D. GERT. : — Quer redigil-a ? No meu gabinete póde fazel-o agora mesmo. Não percamos tempo.

HERM. : — Então V. Ex. dá licença ? (*Sai*)

SCENA II

D. Gertrudes e um Criado

O CR. : — Uma Senhora que traz comsigo uma menina deseja falar á minha Senhora.

D. GERT. : — Dize-lhe que entre. (*Sai o Cr.*)

SCENA III

*D. Gertrudes e Laurentina, trazendo uma menina
ao collo*

LAURENTINA (*chorando*) : — Sou uma infeliz que implora a protecção de V. Ex... Valha-me... salve-me da desesperação... salve minha filha.

D. GERT. : — Descanse. Está tão fatigada ! Depois me dirá em que lhe posso eu servir.

LAUR. : — Ah ! minha Senhora ! Sei que ninguem busca em vão o amparo de sua bondade. Os meus infortunios ainda mais se aggravam, porque me acompanha esta innocente.

D. GERT. : — E' sua filha ?

LAUR. : — Sim, minha Sra. E' o unico laço que me prende á existencia... Se não fosse a idéa do seu absoluto desamparo, eu não me teria resignado ás misérias que me acabrunham.

D. GERT. : — Sympathiso com as suas desgraças, desejo remedial-as quanto couber em minhas forças. Conte-me a sua historia, diga-me a causa dos seus males.

LAUR. : — E' uma triste e lastimosa historia, como é triste e lastimosa a historia de tantas outras infelizes que não tem achado uma voz compassiva para avisal-as do abysmo, em que vão cahir. Eu vivia em casa de meus paes, que, com seu honesto trabalho, remiam as necessidades de cada dia. Tendo sido, em

tempos mais felizes, educada com algum esmero, eu seguia os seus bons exemplos, quando um dia, ha pouco mais de dois annos, um homem, que tinha todas as apparencias de honrado, se apresentou em nossa morada.

D. GERT.:— Onde moravam ?

LAUR.:— Em S. Christovam. Apresentou-se em nossa morada e encarregou meu pae de uma obra em sua casa. D'ahi tirou pretexto para nós apparecer de quando em quando... Fingiu-se apaixonado de mim, e abusando de minha inexperiencia prometteu-me casamento.

D. GERT.:— E porque não participou a seus paes o que se passava ?

LAUR.:— Impoz-me o preceito de guardar segredo, em quanto não dava ordem a certos negocios. Cega pelo affecto que lhe tinha, fiz-lhe a vontade. Foi-me arrastando de erro em erro até que !... ai de mim ! (*Chora*).

D. GERT.:— Misera !

LAUR.:— Vi-me então, minha senhora, sujeita a quanto quiz de mim fazer o meu seductor. . Fugi da casa paterna para outra que me estava preparada... Bem conheci toda a enormidade de minha queda, e muito mais pungente seria o meu remorso, se não sentisse agitar-se em minhas entranhas um fructo do meu amor, se o homem que me desviara do dever, não continuasse a prometter-me a rehabilitação pelo casamento.

D. GERT.:— Quando nem disso cuidava... Não foi assim ?

LAUR.:— E' verdade, minha Sra. Não tardou muito o cruel desengano... Nasceu esta pobre criança : julguei-me então proxima ao cumprimento de sua promessa... Succedeu o contrario... As visitas do perfido foram escasseando e afinal me desamparou de todo... Procurei-o : tinha desaparecido.

D. GERT.:— Tinha desaparecido ? Não era um homem conhecido ? Não lhe deram noticia d'elle ?

LAUR.:— Eu o tinha conhecido com o nome de Figueiredo : ninguem me soube dizer onde existia o homem assim chamado.

D. GERT.:— Ninguem !

LAUR.:— No dia em que tive certeza do meu infortunio em todo o seu horror, não sei como não enlouqueci... Resisti ao tremendo golpe : alentou-me o amor de minha filhinha. Para subsistir vendi quanto havia com algum valor em meu poder... Esgotados

todos os recursos, recorri a meus paes... Ai de mim, minha senhora!

D. GERT.:— Recusaram receber-a?

LAUR.:— Minha mãe morrera de paixão... e meu pae, ao ver-me, foi acommettido de uma congestão cerebral... e expirou em minha presença.

D. GERT.:— A sua desgraça fulminou-os... Infeliz moça!

LAUR.:— Tantas desventuras me exauriram as forças e adoeci gravemente. Oh! porque não baixei á sepultura, para onde arrastei os meus virtuosos paes!... Tive a infelicidade de recobrar a saúde. A minha miseria apresentou-se então sob o seu mais pavoroso aspecto: não tinha com que comprar um pão para minha filhinha.

D. GERT.:— Pobre mãe!

LAUR.:— Pedi esmolas á noite... Mas ha tantos pobres e a caridade tem de acudir a tanta indigencia, que a muito custo tenho podido viver com este infeliz anjinho por espaço de um mez... Ha dois dias, apenas pude matar a fome da menina...

D. GERT.:— E a Senhora? Não tem comido, ha dois dias? Meu Deus!

LAUR.:— Sim, minha Senhora. Tenho-me sujeitado a tudo isto antes do que receber as infames offertas, que se me tem apresentado. Nesta tribulação foi-me dito que V. Ex. e a Sociedade, a que tão dignamente preside, soccorrem as infelizes que se acham nas minhas circumstancias... Vim até aqui... Ah! minha Senhora, valha-me!... não por mim, mas por esta innocente... (*Chora*).

D. GERT.:— Coitada! Recobre animo, minha filha: não ficará ao desamparo... Mas quanto antes vou-lhe prestar os soccorros de que mais necessita.

SCENA IV

As mesmas e Hermogenes

HERM.:— (*entrando com um papel na mão sem dar pela presença de Laurentina*):— Está prompta a circular, Sr.^a D. Gertrudes.

LAUR.:— (*dando um grito e voltando-se sobresaltada*):— Figueiredo?... N'esta casa!... Ah! encontrei-te, finalmente, ingrato!

D. GERT. :—Figueiredo !

HERM. :—A senhora fala commigo ?... Está enganada.

LAUR. :—Figueiredo !... muito me tens feito padecer... mas n'este momento, ao ver-te depois de tão larga ausencia, esqueço tudo... Vê a tua filha... Não é tão bonita ? Parece-se tanto contigo !...

HERM. :—A senhora está louca... (*A D. Gertrudes*) Esta pobre moça delira... D'onde veiu ella ? Misera !

LAUR. :—Ah ! finges que não me conheces ! Dizes que estou louca !... Cruel ! coração de fera ! Nem te commove a vista d'esta innocente que é teu sangue ?... E' agora que aprendi a conhecer-te de todo... És ainda mais perverso do que eu te julgava !...

D. GERT. :—A senhora sabe a quem está falando ? A um dos homens mais venerados d'esta cidade, ao homem mais conhecido por suas virtudes, ao Sr. Hermogenes emfim.

LAUR. :—Hermogenes ! mudou de nome !... As suas virtudes !... Minha senhora ! este monstro a está enganando... E' o meu infame seductor, é o malvado que me reduziu á miseria, em que me vejo.

HERM. :—(*a D. Gert.*) :—Causa-me compaixão a infeliz... Provavelmente é uma das mil victimas da perversidade que não pode resistir ao infortunio e perdeu a razão.

LAUR. :—Todo o teu fingimento é inutil, em vão queres, Figueiredo, persuadir a esta respeitavel senhora que estou louca... Heide convencel-a, heide convencer o mundo inteiro de que és um scelerado... Has de ser conhecido de todos... Os teus crimes hão de ficar patentes... Heide achar justiça em presença dos homens de bem.

D. GERT. :—Senhora, entre em si... Delira... A força dos seus infortunios lhe faz esquecer onde está e com quem está falando... O Sr. Hermogenes é incapaz de praticar os maus feitos que me contou, desse Figueiredo. Bem longe de lhe causar mal, o Sr. Hermogenes póde-lhe trazer mil beneficios.

LAUR. :—Ai de mim ! Não imaginava que a minha desgraça chegasse a este ponto !... Apesar de todas as ingratições do meu seductor, das miserias, a que me tem levado o meu desamparo, cuidava que se algum dia o encontrasse, conseguiria enternecel-o, senão a meu favor, ao menos a favor de sua filha... Mas illudia-me... Desconhece-me... renega o seu sangue ! Minha senhora, se este homem se chama

agora Hermogenes, usava, ha dois annos, do nome de Figueiredo... Se eu nunca o tivesse conhecido, estaria feliz, querida de meus paes que elle, deshonorando-me, assassinou !

HERM.:—(a D. Gert.):—Ou esta desditosa moça está louca, ou então... V. Ex. bem me comprehende.

D. GERT.:—Comprehendo. E' mais um instrumento, de que se servem os seus calumniadores... Sem duvida nenhuma... Que inimigos perversos !... Mas não hão de lograr o que intentam.

HERM.:—Não permitta Deus que eu accuse a pessoa alguma... Estou seguro em minha consciencia... O que me afflige agora é o spectaculo da desgraça desta misera moça e da innocentinha que é sua filha... Ai ! quantos infortunios vão por este mundo ! (Chora).

D. GERT.:—Senhora, estava inclinada a fazer-lhe todo o bem que podesse, porque acreditava levemente que era verdade quanto me dizia. Mas vejo que me queria embair de um modo indigno... A senhora é uma aleivosa !... Serve de instrumento aos perversos, que, não podendo igualar-se com um homem virtuoso como o Sr. Hermogenes, forjam todos os ardis para perdel-o no conceito dos que o estimam... Vá, digalhes que foi muito grosseiro o artificio.

LAUR.:—Minha senhora, juro-lhe que disse a verdade a V. Ex. Ignoro que este homem tenha inimigos... Se os tem, bem os merece.

D. GERT.:—A senhora insiste depois de desmascarada a sua impostura ? Já devera ter-se retirado.

LAUR.:—Meu Deus ! como é possivel que um homem d'aquella especie engane com a sua hypocrisia ! Minha senhora, V. Ex. está illudida por este malvado... Elle é o meu seductor... elle é a origem de todos os meus males !...

D. GERT.:—Que prova póde dar-me do que diz ?

LAUR.:—Se eu lhe apresentar cartas escriptas de seu punho, não provarei a V. Ex. que Figueiredo e Hermogenes são um e mesmo individuo ?

D. GERT.:—Pois apresente-as.

LAUR. (tirando do bolso um masso de papeis):—Aqui estão, minha senhora. Foram estas as cartas, em que este homem esmerou o seu talento de seductor para me attrahir ao abysmo, onde me precipitou.

D. GERT. (depois de examinar a lettra de algumas cartas):—Que vejo ! Seria possivel ! E' a mesma lettra sem differença alguma !... Sr. Hermogenes, dê-me essa circular...

HERM. (*dando o papel*):—V. Ex. compare e reflecta bem...

D. GERT.: (*depois de comparar*): — A similhaça é perfeita... Custa-me a crer o que vejo... Sr. Hermogenes !...

HERM.:—Antes de tudo deixe-me V. Exa. admirar este milagre de calligraphia. (*Recebe os papeis e contempla-os curiosamente*) Em verdade ! A similhaça é perfeita ! Que famoso talento de imitar possui quem fabricou estas cartas !

D. GERT.:—Então affirma que são falsas !

HERM.:—Eu não o diria, porque ha ahi accusação de um grave crime, se não fosse obrigado a fazel-o para arredar qualquer duvida do espirito de V. Ex. Nestas cartas, Sra. D. Gertrudes, imitaram a minha lettra.

LAUR.:—E' mentira !... Este homem está mentindo, minha senhora !

D. GERT.:—E eu não reflectia !... Ah ! Sr. Hermogenes, peço-lhe perdão por haver um só momento duvidado do senhor ! Os seus inimigos são consequentes: inventam as calumnias e fabricam documentos para demonstral-as... Perdôe-me, por quem é, perdôe-me. (*A Laur.*) Senhora, retire-se já, sem mais demora... Talvez devesse remettel-a para a policia ; mas não tenho pendor para fazer mal... Retire-se.

LAUR. (*ajoelhando-se chorosa*):—Minha senhora, tenho-lhe dito a pura verdade... Castigue-me Deus, tirando a vida á minha filhinha, se...

D. GERT.:—Não quero ouvir-lhe mais uma palavra. Sei quem a senhora é. Retire-se, se não quer que por um criado a expulse desta casa.

LAUR.:—Ah ! (*Cai desmaiada tendo a filha nos braços*)

SCENA V

Os mesmos e Antunes

ANT.:—Ouvi rumor de vozes... Haveria aqui mais alguma novidade ? O dia de hoje está para ellas.

D. GERT.—Novidade houve. Aquella miseravel que alli jaz, provavelmente fingindo que está desmaiada, veio aqui ensaiar mais uma scena de calumnia contra o Sr. Hermogenes... Mas a impostura foi muito facilmente desmascarada.

ANT.:—Que pertinacia do odio ! Ha de ser curiosa a narração desse novo incidente. Desejava bem ouvi-la.

D. GERT.:—E eu de bom grado vou contal-o.

SCENA VI

Os mesmos e um criado

O CR.:—O Sr. Luciano pede licença para falar a meu senhor.

ANT.:—Que faça o favor de entrar. (*Sai o criado*). Vem despedir-se. Bem sinto separar-me d'elle.

D. GERT.:—Mas, á vista do que se tem passado, seria impossivel que continuasse como de antes.

SCENA VII

Os mesmos e Luciano

LUC.:—Chego do escriptorio, onde já deixei na melhor ordem os negocios da casa. Nenhuma duvida terá de encontrar qualquer pessoa que fôr chamada á sua administração.

ANT.:—Bem sei do desvelo, com que sempre tem curado das suas obrigações. Encontrei sempre em sua pessoa um amigo sincero. As provas que me tem dado de seu affecto, são tão repetidas que seria impossivel agradecer-lhe como o senhor merece. Quanto sinto...

LUC.:—Deixo de exercer as funcções de guarda-livros e gerente de sua casa ; mas, como já lhe disse, Sr. Antunes, o amigo continúa a ser o mesmo. Se lhe prestei serviços, cumpri com o meu dever, correspondi a illimitada confiança, com que me entregou a direcção dos seus negocios.

ANT.:—Os seus actos nunca desdisseram com essa confiança. O seu zelo...

LUC.:—Ao dar por terminada a tarefa, que, ha tantos annos, me commetteu, tive de lhe pôr o remate intervindo em uma occurrencia importante.

ANT.:—Uma occurrencia importante relativa á minha casa ?

LUC.:—Sim, Sr. Antunes.

ANT.:—E o senhor já deu as providencias?

LUC.:—Vou expôr-lhe o que houve e verá o que convem accrescentar ao que já está feito. Apresentou-se um sujeito para descontar uma lettra de vinte contos de réis. A transacção estava a ponto de effectuar-se, quando repentinamente me occorreu uma duvida. E como? Pela cara do apresentador da lettra.

ANT.:—Pela cara!

LUC.:—Sim. Na lettra concorriam todas as condições necessarias. Os garantes são os mais abonados da praça e as firmas não offereciam pretexto á minima desconfiança. Mas pareceu-me que conhecia aquelle homem, deu-me ares de um sujeito que tinha visto em trava-contas com a policia por uma dessas espertezas que não são crimes formaes e definidos, mas levam um pobre diabo á casa de correcção por um par de dias.

ANT.:—Algum réo de policia... Ha tantos!

LUC.:—Fiz-lhe algumas perguntas, atrapalhou-se nas respostas; e, afinal, deixou-me conhecer, bem máo grado seu, que a lettra era uma falsificação.

ANT.:—Uma falsificação! Que feliz inspiração foi a sua, Sr. Luciano! E o que fez?

LUC.:—Vai saber. Por um dos caixeiros mandei perguntar aos garantes assignados na lettra se realmente eram suas as firmas. As respostas foram as que eu tinha antevisto.

ANT.:—Era decididamente falsa!

LUC.:—O sujeito, cujo enleio ia crescendo a olhos vistos, quando viu a sua tramoia desfiada, quiz esgueirar-se; mas eu, que o tinha em olho, convoquei os empregados da casa e o detive até que viesse um pedestre.

ANT.:—E o remetteu para a policia?

LUC.:—Não, senhor. Conduzi-o commigo.

ANT.:—Com que fim? A autoridade policial é quem deve autoal-o.

LUC.:—Ouça o que falta e reconhecerá que fiz bem em conduzi-lo até aqui.

ANT.:—Accresceu alguma circumstancia notavel?

LUC.:—Julgue por si mesmo se é ou não notavel o que lhe vou dizer agora. Logo que o homem teve a certeza de que não poderia evadir-se, quiz desculpar-se amparando-se com o nome de outra pessoa.

ANT.:—De outra pessoa, quando elle se achava na ratoeira?

LUC.: — Ordinariamente em falcatruas taes, como em todas as quadrilhas, ha um chefe e agentes subalternos.

ANT.: — Esse outro, pois, era o chefe ?

LUC.: — Disse-me, portanto, o sujeito : « Sr. Luciano, se ha crime nesta lettra, não sei ; juro-lhe que sou innocente. Neste negocio ninguem me pôde abonar melhor do que uma pessoa que lhe é muito conhecida. » Exigi o nome dessa pessoa... A resposta causou-me verdadeiro espanto...

ANT.: — Como assim ?

LUC.: — Falou-me no nome do Sr. Hermogenes.

ANT. E D. GERT.: — Do Sr. Hermogenes !

HERM.: — No meu nome ! Que relações posso ter com esse sujeito e com esse negocio ?

D. GERT.: — Por ventura o Sr. Hermogenes tem que ver em falsificações de firmas ?

LUC.: — Não sei. O homem está ahi perto. Vou chamal-o. Elle se explicará. (*Chega á porta que dá para a rua e acena*).

SCENA VIII

Os mesmos e Gonçalves acompanhado de um criado

LUC.: — O senhor disse-me que no negocio da lettra ninguem o abonaria melhor do que o Sr. Hermogenes. Acha-se elle presente : queira dar as suas explicações.

GONÇ.: — O Sr. Hermogens, meu presado amigo, conhece perfeitamente a minha capacidade e está habilitado para declarar se sou ou não innocente neste negocio. Não é verdade, meu caro Sr. Hermogenes ?

HERM.: — Não o comprehendo, senhor... Ah ! lembro-me agora do seu nome... Sr. Gonçalves muito lhe desejo ser util, como desejo sel-o a todos os homens em geral ; mas, nas circumstancias em que o senhor se acha e que muito lamento, não sei como lhe possa fazer bem. E, além disto, do que ha occorrido tenho apenas conhecimento pelo que acabou de dizer o honrado Sr. Luciano.

GONÇ.: — Pasmado de ouvir-o ! Parece-me estar sonhando... Então Sr. Hermogenes não me conhece ? Mal se lembra do meu nome ? Ignora o que ha occorrido com essa lettra ? Não tem conhecimento de sua procedencia ? Ah ! ah ! (*Ri-se*).

HERM. (*a Ant. e a D. Gert.*): — Temos encontro igual ao d'aquella infeliz moça... Paciencia! Meu Deus, perdoai aos que querem o meu mal! (*Alto*) Meu amigo, o senhor está enganado: cuida que fala a outra pessoa. Não tenho tido o prazer de o conhecer senão por vel-o duas ou tres vezes; mas dos seus negocios nunca me deu noticias.

GONÇ. (*continuando a rir-se*): — O senhor viu-me sómente duas ou tres vezes! Seria curioso que declarasse, em que occasiões se deu essa honra inestimavel!

HERM.: — Se julga que com isso lhe posso ser agradavel, lembro-lhe que o vi, porque o senhor me procurou... Servi-lhe então, não como era do meu desejo, mas como permittiam minhas fracas forças.

GONÇ.: — Cada vez melhor! O Sr. Hermogenes viu-me por occasião de me dar esmolas! O meu amigo velho, o meu companheiro de industria e trabalho me renega com toda essa ingratiidão! Uma vez que se acha tão esquecido, vou ver se lhe avivo a memoria.

D. GERT. (*a Ant.*): — Evidentemente este homem foi comprado pelos inimigos do Sr. Hermogenes. Toda esta trama foi urdida com o fim de perdê-lo... Já é demais a nossa tolerancia... E' preciso pôr termo a esta perseguição atroz ao homem mais honrado e virtuoso que sobre a terra existe.

ANT. (*a D. Gert.*): — Seria possivel que ainda isto fosse invento da calumnia... Luciano...

D. GERT. (*a Ant.*): — Sim, elle mesmo... Seria hoje a primeira vez?

GONÇ.: — Sr. Leonardo Antunes, V. S. hade recordar-se de que, ha duas ou tres horas, pouco mais ou menos, veiu alguém falar com o Sr. Hermogenes aqui mesmo.

ANT.: — Recordo-me.

GONÇ.: — Era eu. Hade tambem lembrar-se de que o Sr. Hermogenes recebeu, ha pouco, uma carta que o obrigou a sahir em demanda de alguém.

ANT.: — Lembro-me.

GONÇ.: — Foi escripta por mim. Quando falei com o Sr. Hermogenes n'esta sala, dei-lhe a noticia de que tinham ido á gloria duas de suas bancas na precedente noite.

ANT.: — Tinham ido á gloria duas de suas bancas! O que quer o senhor dizer com isto?

HERM. (*a D. Gert.*): — Mais uma calumnia! Seja tudo pelo amor de Deus!

GONÇ.: — Darei a V. S. explicações que lhe não de satisfazer. Este santo homem que, segundo disse, apenas me conhece por me ter dado esmolas duas ou tres vezes, tem uma das mais afamadas casas de jogo desta Côrte. Eu tenho sido o seu gerente. Bem bons patos havemos depennado, graças á intervenção dos dados que o Sr. Hermogenes prepara com tanto primor, e á pericia, com que os manejo.

Mas a fortuna, apezar desses adminiculos, nos atraçou a noite passada. Duas vezes successivamente foi a banca á gloria e lá se evaporaram vinte e cinco contos. Foi esta uma das noticias que eu trouxe ao meu patrão e amigo. Não parece a V. S. que lhe havia de ser pouco agradável ?

ANT.: — Queira continuar, senhor. Eu lhe direi depois a minha opinião.

GONÇ.: — Outra noticia má lhe trouxe eu, e foi a da fuga de Honorato, aquelle usurario que tinha casa de penhores na rua do Hospicio.

ANT.: — D'essa fuga tambem já sube. Mas em que importava isso ao Sr. Hermogenes ?

HERM. (*a D. Gert.*): — Temos mais outra. E' um nunca acabar... Meu Deus...!

GONÇ.: — Honorato era simplesmente o socio de industria: socio capitalista era o Sr. Hermogenes, o santo homem.

HERM. (*a D. Gertr.*): — Eu não dizia a V. Ex. ?

ANT.: — Compreendo agora.

GONÇ.: — A sociedade fazia excellentes lucros : seis por cento ao mez ! Mas Honorato, provavelmente, não gostava de socios e descartou-se do seu capitalista levando comsigo, para o Rio da Prata, um pouco mais de noventa contos pertencentes a este homem de bem... Isto foi o menos para elle.

ANT.. — Pois levou do Sr. Hermogenes cousa de mais subito valor ?

HERM. (*a D. Gert.*): — Vê a senhora ? Ainda temos mais... Meu Deus, meu Senhor, só vos peço resignação !

GONÇ.: — Foi o menos, porque o acompanhou a Sra. D. Angelica... V. S. permite que eu diga quem é a Sra. D. Angelica ?

ANT.: — Diga tudo.

GONÇ.: — Era uma guapa mocetona, teuda e manteuda pelo Sr. Hermogenes... Maganão !

HERM. (*a D. Gert.*): — Até onde irá a imaginação fecunda deste homem ? Oh ! que martyrio ! Paciencia, meu Senhor Deus !

GONÇ.: — O Sr. Hermogenes tinha-lhe um amor desmedido. Gastava com ella rios de dinheiro; e ultimamente lhe metteu na bolsa a bagatella de doze contos de réis, producto de acções das celebres *Forjas sem Fogo*.

ANT.: — Estive presente a essa transacção do Sr. Hermogenes; mas ignorava que as acções pertencessem a outra pessoa. Ha oito dias.

GONÇ.: — Ainda bem! V. S. não ignora esta circumstancia.

ANT.: — Mas, quando tudo isso fosse verdade, o que tem com a letra falsificada?

GONÇ.: — São explicações indispensaveis: heide chegar ao assumpto principal. Mas ainda falta uma... Já agora é preciso dizer a verdade toda e inteira.

HERM.: — Este homem, Sr. Antunes, foi alliciado por meus inimigos; este homem está abusando da sua attenção; este homem está mentindo... Mas eu, pelo amor de Deus Nosso Senhor, lhe perdôo as infames calumnias que me levanta.

GONÇ.: — Mentiras! calumnias! Tenho sido cumplice de tuas velhacarias, Hermogenes; por tua causa estou perdido; mas tu hasde perder-te commigo, porque heide arrancar-te a mascara da hypocrisia.

D. GERT.: — E' insupportavel tanta insolencia! Sr. Antunes, mande retirar d'aqui este calumniador.

ANT.: — Ouçamol-o primeiramente; e depois...

GONÇ.: — Perdôe, minha senhora: V. Exa. tem sido enganada; mas felizmente não tardou o conhecimento da verdade. V. Exa., conferiu, ainda ha pouco, em nome da Sociedade a que preside, um premio a uma moça chamada Fernanda... Ainda ha pouco, recebeu a visita de outra arrependida, de Alexandra... Sabe o que tem sido essas mulheres, quer saber o que continuam a ser? O que foram, e de mais a mais (perdôe V. Exa., a liberdade das expressões) as anasias d'aquelle santo e venerando varão.

HERM. (*a D. Gert.*): — O que não dirá de mim aquelle desgraçado!... Compadeço-me d'elle, e peço a Deus Nosso Senhor que toque algum dia o seu coração endurecido.

GONÇ.: — E não eram estas sómente. De outra sei eu por elle seduzida em casa de seus paes, raptada e deixada ao desamparo com uma filhinha.

LAUR. — (*que tendo ha alguns minutos, tornado a si e ouvido as palavras de Gonçalves, dá alguns passos para adiante*): — Sou eu!

GONÇ. :—A Senhora aqui ! Laurentina, filha do carpinteiro Luiz José ?

LAUR. (*chorando*) :—Sim, sou essa mesma infeliz.

GONÇ. :—Ahi está pois uma prova viva do que digo. As outras provas, tambem vivas, estão em ruas bem conhecidas, em casas, que posso indicar pelos seus numeros.

ANT. :—Mas a lettra ?...

GONÇ. :—Cheguei, finalmente, ao assumpto principal. Hermogenes, roubado por Honorato e por D. Angelica, derrotado na sua banca, achou-se sem o dinheiro preciso para não parar o expediente do seu estabelecimento que deve ser continuo. Aconselhado por mim, recorreu a uma medida que já lhe é familiar: falsificou as firmas d'essa lettra e deu-m'a para descontar.

D. GERT. (*a Herm.*) :—Mas então este homem é o demonio da calumnia que surgiu dos infernos ?

HERM. :—Para expiação dos meus peccados... Seja tudo pelo amor de Deus !

ANT. :—Não é esta a primeira vez ! E como não se tem dado por isso ?

GONÇ. :—Porque antes de se descobrir o crime, elle tem podido reunir as lettras descontadas. Não é em vão que inventou as suas famosas emprezas das *Chaminés sem fumaça* e das *Forjas sem fogo*. Contava agora com a venda das suas acções beneficiarias das *Carruagens silenciosas*.

Depois de hesitar, resolveu-se a este passo : foi para tomarmos as ultimas medidas que lhe escrevi a carta, a cuja entrega V. S. estava presente.

ANT. :—Sr. Hermogenes, não dou inteiro credito ao que diz este homem ; mas declaro-lhe que tantas accusações accumuladas me inspiram duvidas. Preciso de vel-o justificado.

HERM. :—A minha justificação, Sr. Antunes, é bem facil e simples. V. S. tem visto alguns fios da trama que se tem urdido contra mim no intuito de me perderem no conceito das pessoas honradas. Quanto este homem acaba de dizer é a realisação do plano que estava delineado. Se este homem fala a verdade, deve ter provas. Apresente-as e eu dou-me por condemnado.

D. GERT. :—Sim. Apresente as provas.

GONÇ. :—Uma das provas alli está : a Sra. Laurentina.

D. GERT. :—Já foi convencida de impostura.

ANT. :—Quero provas escriptas ou testemunhas insuspeitas.

GONÇ.:—Quer provas escriptas ! Não as tenho : este homem não deixa documentos do que faz.

HERM. :—Julgue agora, meu honrado amigo, que valor podem ter essas accusações. Vê que ellas nem de leve alteram a tranquillidade de minha alma. Perdôo a este pobre homem o mal que me quiz fazer ; e tanto lhe perdôo, que na casa de correcção, para onde tem de ser conduzido como falsificador de firmas, lhe não hade faltar a minha caridade.

D. GERT. :—Eu estava bem certa de que este havia de ser o resultado. Era evidente que tudo isso era um tecido de monstruosas calumnias, dignas de seus torpes inventores...Tirem de minha presença esse homem immundo... Assim hão de ser confundidos todos os perseguidores do justo.

SCENA IX

Os mesmos e um Caixeiro

O CAIXEIRO :—Um agente do Correio acaba de entregar no escriptorio estas cartas vindas do Maranhão no paquete que hoje entrou do Norte.

ANT. :—O paquete entrou pela manhan e só agora !...*(Toma as cartas e o Caixeiro sai).*

SCENA X

Os mesmos, menos o Caixeiro

ANT. *(depois de ler uma das cartas)* :—Custa a crer o que acabo de ler ! E assim fica tudo confirmado ! Em que miseravel engano temos nós vivido ! *(Dá a carta a D. Gert.)*

D. GERT. *(depois de ler)* :—E' possivel ! Estavamos illudidos ! Acreditavamos em virtudes de semelhante creatura !...E' para morrer de vergonha !

ANT. :—Sr. Hermogenes, conhece o Commendador Miranda Santos, do Maranhão.

HERM. *(perturbado)* :—Não, Sr.

ANT. :—Pois ouça o que me escreveu este meu amigo e correspondente *(lendo.)* : «Constou-me ultimamente que se acha n'essa Côrte um facinora que aqui

commetteu varios crimes e a mim particularmente causou não pequeno mal. Depois de ter roubado uma das matrizes do interior da provincia, de que era fabricante, veiu ter a esta capital, onde mudou de nome e quasi de physionomia.

Taes meios empregou que alcançou a minha confiança, porque é um dos mais refinados e astutos hypocritas que o ceu cobre. Resultou d'ahi defraudar-me em trinta contos de réis e desaparecer da noite para o dia.

Ha mais de tres annos aconteceu-me esta aventura. Chamava se Firmino Campos ; mas o seu verdadeiro nome, como depois soube, é Cypriano Bernardes. Recommendei-o para diversos logares. Quando menos esperava, recebi noticia de que se tinha transferido para o Rio de Janeiro, onde, passando por nova transformação, chama-se Hermogenes.

Não sei até que ponto é exacta a noticia : peço-lhe que indague e me communique o que colher com a possivel brevidade. Para auxiliar-o nas suas pesquisas dou-lhe os signaes do facinora : estatura media, claro, olhos de gato, suissas e cabello castanho (consta-me que as raspou e usa de chinó ruivo), labios finos, nariz comprido, uma cicatriz perpendicular na testa do lado esquerdo, ar de beato, fala doce e pausada. —Ao concluir esta, me participam que o nosso facinora antes de ser fabricante na Carolina tinha raptado uma moça honesta de casa de seus paes em Caxias e a abandonara com dois filhos menores em uma povoação remota do Piahy.» (*Durante a leitura, Herm. se vai approximando da porta que dá para a rua*). Que diz a isto, Sr. Hermogenes ? Não acha que são exactas as confrontações?... Mas para onde foi o homem virtuoso ?

LUC. :—Está aqui : dispunha-se a fugir ; mas eu embarguei-lhe os passos.

GONÇ. :—Ah ! meu pobre camarada ! d'esta feita pilharam-te... Cuidavas que havia de ser eu só ?

SCENA XI

Os mesmos e mais Amalia, Beatriz e Emílio.

EMIL. :—Pedimos perdão a Vmcês., meu querido tio e minha presada tia, se ainda ousamos vir á sua presença. A' ordem que nos deram de nos retirarmos

d'esta casa devíamos obedecer immediatamente e em silencio. Mas pareceu-nos que faltariamos ao nosso dever, se, antes de cumprirmos com os seus preceitos, não viessemos beijar as mãos de Vmcês.

BEAT. :—Julgamos não ter commettido culpa, que nos merecesse o doloroso desterro, em que vamos viver, mas, obedecendo ás suas determinações, levamos no coração a magoa inconsolavel de os deixar resentidos contra nós.

EMIL. :—Fóra do seu amparo muito havemos de padecer ; mas os nomes de Vmcês. hão de ser sempre repetidos por nós com as bençãos do agradecimento e as lagrimas da saudade.

ANT. (*abraçando-os*):— Meus queridos filhos, nunca permitta a Deus que nos separemos. Não quiz a Providencia que se realisasse a imperdoavel injustiça que eu ia commetter. Dissiparam-se já as trevas que nos cegavam o entendimento.

D. GERT. (*abraçando-os*):— Meus queridos filhos ! Estamos inteirados de toda a verdade, e o monstro, que nos fascinava, nos appareceu em toda a sua hediondez. Filho da minha alma ! Minha amada Beatriz ! como havemos de desvanecer a injustiça que já praticamos !

EMIL. :— Que mais queremos depois de recobramos a amisade de nossos verdadeiros paes ?

BEAT. :— Este momento vale para nós uma vida inteira de felicidade. O' meu Deus, quantas graças vos devemos ! (*Vai abraçar Amalia*).

SCENA XII

Os mesmos e um criado

O CR. :— Da parte do Sr. Chefe de Policia deseja falar a meu Senhor um official do expediente.

ANT. :— Póde entrar. (*Sai o Cr.*) Provavelmente o negocio é com o nosso hypocrita.

SCENA XIII

Os mesmos e o official da policia

O OFFICIAL :— Tenho ordem para levar preso á presença do Sr. Chefe de Policia aquelle homem.

(*apontando para Herm.*) Soube que estava em casa de V. S. e aqui vim ter. Peço-lhe desculpa; mas cumpro com o meu dever.

ANT.:— Veiu bem a tempo. Estimo a sua presença: poupou-me o trabalho de reclamar-a. Mas ser-me-á licito fazer uma pergunta?

O OFFICIAL:— V. S. póde falar.

ANT.:— Sabe e póde dizer o motivo da prisão d'aquelle homem?

O OFFICIAL:— Sei e posso dizel-o. O mandado de de prisão foi expedido em virtude de precatória do Sr. Chefe de Policia do Maranhão...

ANT.:— Basta... Suspeito pouco mais ou menos o que seja. O Sr. official proceda como julgar conveniente.

O OFFICIAL:— (*acercando-se de Herm. que tem estado a tremer, e agarrando-o pela golla da casaca*):— Está preso á ordem do Sr. Chefe de Policia.

GONÇ.:— Muito bem! Irems juntos, amigo Herrogenes. Requeria a nossa amisade que fossemos inseparaveis no bem e no mal.

LAUR.:— O céu é justo! Deus castiga o perverso!
(*Saem o offic., o pedestre, Herm. e Gonç.*)

SCENA XIV E ULTIMA

Os mesmos, menos os ditos

D. GERT.:— Como havemos de agradecer a tanto bem que nos tem feito, Sr. Luciano? A's suas diligencias, á sua perspicacia, á constancia com que porfiou em nos desilludir, devemos a felicidade de não sermos victimas da hypocrisia d'aquelle scelerado.

LUC.:— Fiz o que devia. Cumpri com a minha promessa, graças a Deus!

D. GERT.:— E não acreditavamos em suas admoestações! Perdôe-me as offensas que lhe fiz. Não admira que os cegos tropecem e caiam!

ANT.:— E a um fascinora que não tem igual, iamnos dar a nossa filha! Amalia, vem aos meus braços. (*Abraça a filha*) Perdôa-nos, filha adorada! A Providencia nos amparou trazendo-nos a desillusão a tempo de salvar-nos a nós de eterno arrependimento, até de indizível desgraça.

LUC.:— Sim, demos graças á Providencia que não permittiu se executassem os planos da maldade.

ANT.:— E ao Sr. que foi o enviado da Providencia.

LUC.:— Se Deus não ajudasse os meus fracos esforços, eu teria a dor de ver as pessoas que mais amo submergidas na desgraça. Ha mais de seis mezes me empenhei na tarefa de desmascarar o hypocrita.

D. GERT E ANT.:— Ha mais de seis mezes !

LUC.:— Sim. Desde o primeiro dia em que me convenci do predominio que Hermogenes exercia no animo de Vmcês. appliquei todo o cuidado em conhecer as antecedencias do homem. Foi-me difficil, bem difficil dar com o fio que me havia de conduzir no labyrintho de sua vida. Alcancei-o e pude inteirar-me de todos os maus feitos do perverso e dos planos que havia delineado. Segui-lhe os passos, cerquei-o de minha vigilancia, acompanhei o dia e noite. Sabia de quanto fazia e até, lendo em sua alma, penetrei-lhe nos tenebrosos recessos. Mandeí para o Maranhão informações indirectas, cujo resultado aguardava na presente occasião ; dei traço para que D. Beatriz se encontrasse só a só com o hypocrita, antevendo o que succedeu ; fiz com que aquella pobre moça (*indicando Laurentina*) viesse á presença de D. Gertrudes, contasse-lhe a sua historia e implorasse a sua compaixão.

D. GERT.:— Não lhe hão de faltar os soccorros de que precisa. De ora em diante ella e sua filhinha deixarão de soffrer miserias e privações.

LAUR.:— E a nossa vida inteira lhe hade ser consagrada, minha bemfeitora !

LUC.:— Accumulei assim provas sobre provas para convencel-os da hypocrisia de Hermogenes.

ANT.:— E a nada attendiamos ! E, cegos, até calumniavamos as suas intenções !

LUC.:— Qualquer outro, menos seguro de si e dos seus recursos, vendo, depois de conhecida a falsificação das firmas, frustar-se esse meio que tão opportunamente deparava a Providencia, correria o risco de enlouquecer. Eu, porém, não desanimei, porque sabia que tinha vindo do Maranhão uma precatoria para o Chefe da Policia da Côrte ; porque esperava a carta do Commendador Miranda.

ANT. (*abraçando Luc.*):— O' amigo incomparavel ! Como havemos de compensar tantos esforços para nosso bem, tantos desgostos que lhe havemos causado !

D. GERT.: — Devemos-lhe mais do que a vida, Sr. Luciano : salvou nos a honra.

LUC.: — Estou sobejamente compensado pelo contentamento que sinto. Os resultados que consegui, me fariam o mais feliz dos homens, se me não faltasse uma cousa.

D. GERT. E ANT.: — Qual é ?

LUC. : — Depende unicamente da vontade de Vmcês.

ANT.: — Meu amigo, por quem é, não se demore em declarar-nos seus desejos. Que sacrificio exigiria que não nos fosse agradavel !

D. GERT.: — Verá na presteza com que lhe have-mos de obedecer, quanto é illimitada a nossa gratidão.

LUC.: — Estão vendo ao meu lado o Dr. Emilio : amo-o, como se fôra meu filho. (*Abraçam-se*). Vel-o venturoso será para mim a verdadeira felicidade. A condição de sua ventura está no seu casamento.

D. GERT.: — No seu casamento !

ANT.: — Com quem ?

LUC.: — Não sabiam ! Pois não advinham ? Olhem... (*Apontando para Amalia que abaixa os olhos corando*).

ANT.: — Oh ! como estavamos cegos ! Queriamos aditar a nossa filha adorada e não encher-gavamos o meio que estava tanto á vista !

D. GERT.: — Estavamos cegos, é verdade ; mas quiz Deus que vissemos. Não ha duvida : elles se amam. Pois casemol-os, Sr. Antunes, e sejamos todos nós felizes, Sr. Luciano. (*Emilio beija-lhe a mão ; Amalia e Beatriz abraçam-se e Antunes aperta a mão de Luciano*).

LUC.: — (*a Am. e a Beat.*): — Podem agora agradecer-me (*Ellas se abraçam*).

CAI O PANNO

FIM

